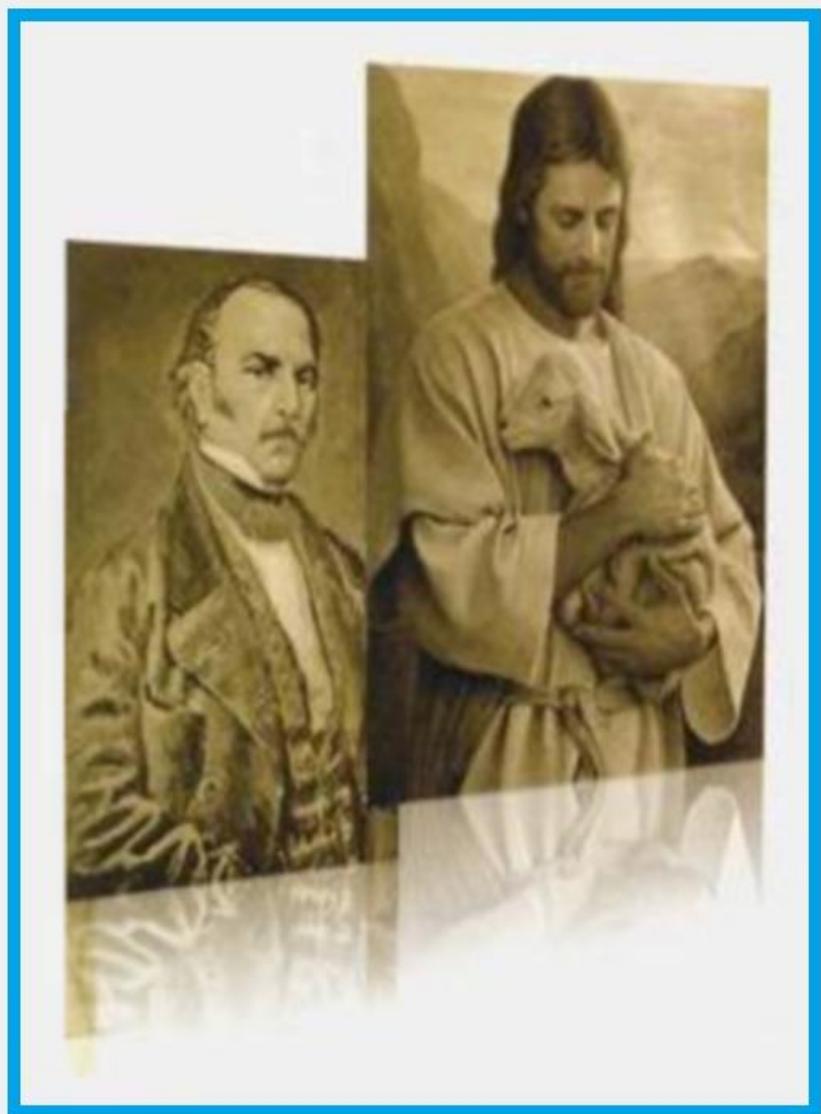


Religião Espírita: é o que, de fato, é o Espiritismo.



Paulo Neto

Religião Espírita: é o que, de fato, é o Espiritismo.

“O Espiritismo não pretende ser uma religião dominante, mas apenas oferecer à Terra transformada os princípios necessários à sua nova orientação”. (J. Herculano Pires).

Paulo Neto

Copyright 2014 by

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa (adaptação):

<http://3.bp.blogspot.com/-BQizkfVc5-s/TViqCOV8ttI/AAAAAAAAAEw/ip73S72NAKI/s200/SER+ESPIRITA.jpg>

Revisão:

João Frazão de Medeiros Lima

Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, junho/2014.

Índice

Prefácio.....	5
Introdução.....	9
As pistas no legado de Kardec.....	13
Escritores espíritas que apoiam essa ideia.....	80
Manoel de O. Portasio Filho:.....	80
José Herculano Pires:.....	80
Dora Incontri:.....	83
Sérgio F. Aleixo:.....	84
Hermínio C. Miranda:.....	86
Léon Denis:.....	87
Guillon Ribeiro:.....	87
Carlos Imbassahy:.....	91
Lamartine Palhano Junior:.....	97
Canuto Abreu:.....	98
Conclusão.....	102
Referências bibliográficas.....	104

Prefácio

Há espíritas que não consideram o Espiritismo como uma religião, talvez pelo seu aspecto filosófico muito destacado. Entendem apenas como uma filosofia de espiritualista de vida, com interpretação no que reza o início de *O Livro dos Espíritos: Filosofia Espiritualista*. Todavia, nesta obra o autor de forma muito clara como é de costume nas suas publicações, reúne sobejas citações e pensamentos de vários expoentes espíritas que sustentam a tão conhecida, e muitas vezes mal interpretada, doutrina dos espíritos, como religião. O interessante dos que negam o aspecto religioso do espiritismo como religião cristã, é que os homens inventaram os dogmas, rituais, cultos, sacramentos, crenças e praticas de toda sorte, e disseram que os espíritas não são cristãos, porque não aceitamos as regras criadas por eles.

O Espiritismo tem como alicerce a tríade Ciência, Filosofia e Religião, mas o aspecto religioso não está ligado a dogmas, cultos exteriores, ou ideias que se chocam com a razão ou com a Ciência. E não existem princípios humanos imexíveis, pois sendo uma doutrina de raciocínio, deve ser entendida de forma raciocinada. A religião na acepção da palavra, sempre foi praticada com certa imposição sem a interferência da razão, na tentativa de se manter intacta. Mas o Espiritismo no sentido religioso tem uma visão mais simples e moderna. Um sentido mais democrático, aberto, inclusive aceitando críticas, desde que seja de forma honesta. É

necessário esclarecer que ser espírita não é somente um ato de fé, mas antes de raciocínio, logo, muitos pontos do espiritismo não é uma mera questão de fé, mas de conhecimento.

A presente obra está muito bem embasada na proposição de Kardec, e é para ser lida e relida, não somente por espíritas, mas por não-espíritas e simpatizantes. Nela o leitor encontrará argumentos elaborados por diversas mentes questionadoras e investigadoras. É um trabalho de pesquisa com a marca inigualável de Paulo Neto. É uma leitura clara e bem fundamentada que passa com facilidade pelo crivo da razão e do bom-senso, sendo, portanto, a oportunidade de conhecer o aspecto religioso do Espiritismo, que é diferente das linhas de fé cristã vigentes.

Ao contrário do que muitos pensam, o Espiritismo tem como base religiosa os ensinamentos de cunho moral de Jesus Cristo, que não são diferentes dos quatro evangelhos constantes da Bíblia, portanto, é uma religião cristã, apenas não foram incorporados os mitos, práticas e crenças provenientes dos Antigos Egípcios. Respeitamos quem pratica tais crenças e rituais de forma honesta e sincera, mas entendemos ser desnecessários para a reforma íntima do ser.

A pesquisa fundamenta-se na coerência e nas citações de Kardec na sua expressão simples e objetiva. Ao longo dos séculos enquanto o mundo da religião caminhava dentro de uma visão diferente de hoje, o homem criou várias formas de crer e voltar-se a um ser Superior dentro do seu entendimento. Eram praticados rituais de sacrifícios de

animais e até de crianças, cânticos, roupagens, dogmas, sacramentos e regras humanas impróprias. E tudo isso fez com que o Espiritismo não fosse visto como uma religião, por não existir tais coisas.

Os argumentos apresentados nos mostram ser a Terceira Revelação, uma nova forma entender a espiritualidade Superior, Deus e sua criação. O Censo do IBGE já inseriu nos seus códigos o Espiritismo como religião, e nesse contexto a presente obra vem, a seu turno, demonstrar, que para ser considerado religião não é necessário haver práticas exteriores. Paulo Neto como sempre muito criterioso em suas pesquisas, não nos deixa a menor sombra de dúvidas sobre o Espiritismo ser de fato uma religião cristã.

A religião em si que deveria primar mais pelo ensino moral como é a doutrina Codificada por Kardec e o Evangelho, acabou enveredando pelos caminhos dos mitos, lendas e supostos "mistérios de Deus". Sem falar que hoje em dia muita gente prefere não seguir religião alguma ou voltar-se para o ateísmo, devido as incoerências ainda defendidas pelas instituições religiosas, coisas que já não fazem parte do pensamento do mundo moderno. Mas como todas as religiões foram instituídas há séculos, o homem sentiu necessidade dessas práticas exteriores, provenientes de sua evolução e cultura de seu tempo, pois como ainda não havia evoluído o suficiente para entender as coisas invisíveis, precisou criar rituais para sentir-se ligado ao Criador.

Mas foi nos tempos das luzes que no século XIX, no solo francês, recebeu as novas revelações do mundo espiritual, com a Codificação Kardeciana, que nos trouxe uma visão diferente do conceito de religião. Se o Espiritismo não é uma religião, como explicar milhares de seguidores saírem a noite para distribuir comida no anonimato aos pobres, e manter casas de abrigos de idosos e crianças desamparadas? Isso não é caridade que deve ser feita pela religião? A máxima pronunciada pelo Espírito de Verdade, no Evangelho Segundo o Espiritismo, "Fora da Caridade não há Salvação", deixa claro que os objetivos da Doutrina Espírita é o amai-vos uns aos outros e o instruir-vos, que estão de pleno acordo com a Lei do progresso das almas.

Entendemos que a base do que se entende por religião, obrigatoriamente deve estar ligada aos seguintes princípios da imutabilidade de seus ensinamentos, tais como: a existência de Deus; a preexistência da alma; a imortalidade da alma; a comunicação entre os dois planos de existência (sem a qual ficaríamos sem as devidas provas); pluralidade dos mundos habitados. A presente obra contém informações relevantes acerca do tema, e como uma das fontes de pesquisa, a *Revista Espírita*, uma publicação que nem todos os espíritas tiveram oportunidade de ler. Resumindo, o livro é muito bom e o leitor terá todas as informações necessárias para conhecer o aspecto religioso do Espiritismo codificado por Allan Kardec.

Luciano Salgado Ribeiro

Novembro 2014.

Introdução

Sabemos que esse título despertará reações diversas no próprio meio espírita e, também, fora dele; em uns o escárnio, em outros o interesse, e em outros mais, acreditamos, será um alívio, pois confirmará aquilo que pensam a respeito do que é, para eles, o Espiritismo. O maior barulho, supomos, será produzido por Espíritas.

Embora conheçamos as razões pelas quais alguns adeptos não o querem como uma religião, visto que o exemplo registrado na história pelas religiões tradicionais é algo que, de certa forma, denega classificá-lo como tal, no sentido exato do termo. Não comungamos com esse posicionamento, pois seria a mesma coisa que, por causa do mal, não reconhecermos a existência do bem. Os princípios de igualdade e de amor ao próximo passaram, e ainda passam, longe dos ideais de certa parte de certas lideranças religiosas, que parecem viver mais preocupadas com a manutenção do status de poder e/ou de dinheiro, num vergonhoso e inaceitável uso das Escrituras Sagradas para satisfação do próprio bolso/estômago, além do próprio ego. Alertava-nos o codificador sobre isso:

Infelizmente, as religiões não são sempre instrumentos de dominação; o papel de profeta há tentado as ambições secundárias e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio deste nome, exploram a credulidade em proveito do seu orgulho, da sua ganância, ou da

sua indolência, achando mais cômodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não pôde evitar esses parasitas. (KARDEC, 2007a, p. 25).

Temos visto, no meio espírita, opiniões de algumas pessoas que, por razões íntimas, querem negar qualquer relação do Espiritismo com religião; para isso, não evitam nem mesmo distorcer a opinião dos outros a fim de justificarem suas próprias ideias. Kardec fez muito bem em registrar esta opinião dos Espíritos:

A vaidade de certos homens, que julgam saber tudo e tudo querem explicar a seu modo, dará origem a opiniões dissidentes.

Mas, todos os que tiverem em vista o grande princípio de Jesus se conformarão no mesmo sentimento de amor ao bem e se unirão por um laço fraterno, que abará o mundo inteiro; deixarão de lado as miseráveis disputas de palavras, para só se ocuparem com o que é essencial. E a Doutrina será sempre a mesma, quanto ao fundo, para todos os que receberem comunicações de Espíritos superiores. (KARDEC, 2007b, p. 65, grifo nosso).

Mas, quer queiram ou não, quer gostem ou não, isso pouco importa, porquanto o Espiritismo, particularmente aqui no Brasil, é visto como uma religião, o que justificou a sua institucionalização como tal. Tanto isso é verdade que o Poder Público, através dos seus órgãos institucionais, já de há muito tempo o reconhece como uma religião; e contra isso não adianta protestar, pois, como se diz popularmente, “caiu na boca do povo”. Isso não há como mudar! Além disso, é um fato, e não há como negar ou mudar sua conotação de religião, pois o próprio IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, assim o trata, incluindo-o como uma

das opções de confissão religiosa, quando da realização periódica do censo demográfico.

O *Aurélio*, definindo o vocábulo Religião, entre outros significados, diz:

1. Crença na existência de uma força ou forças sobrenaturais, considerada(s) como criadora(s) do Universo, e que como tal deve(m) ser adorada(s) e obedecida(s).
2. A manifestação de tal crença por meio de doutrina e ritual próprios, que envolvem, em geral, preceitos éticos.

Tomando-se a primeira acepção não vemos como não ser possível enquadrar o Espiritismo nela, uma vez que, entre os seus princípios, está a crença em Deus, como criador do Universo e, conseqüentemente, de tudo o que existe, incluindo, obviamente, nós como espíritos; aliás é o que, na verdade, somos. Poder-se-ia, também, sem problemas, ser levado ao conceito emanado da segunda acepção, ficando apenas em aberto a questão dos rituais que é algo quase inexistente na sua prática, abstraindo-se de uma posição fanática que poderá refutar isso. Pode não ter ritual no sentido de uso de paramentos, mas tem de seguimento de uma determinada sequência na realização de cerimônias, tal como, a oração inicial, leitura, discussão de textos evangélicos, etc., sem esquecer que no caso do passe, algumas casas impõem toda uma ritualística de movimentos na sua aplicação, o que nos dificulta argumentar que somos totalmente sem rituais.

O que nos propomos, agora, é ver se isso tem

respaldo na literatura Espírita, quer nas obras básicas ou nas subsidiárias. É esse o nosso objetivo, ou seja, pesquisá-las para saber se teremos apoio a isso.

As pistas no legado de Kardec

Busquemos, inicialmente, o que se fala sobre esse assunto nos livros da codificação, cujos títulos são: *A Gênese*, *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O que é o Espiritismo*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *Obras Póstumas* e as *Revistas Espíritas* do ano de 1858 a 1869. Para um melhor destaque, ainda que algumas citações tenham menos de quatro linhas, optamos por deixá-las na formatação recomendada pelas normas de publicação da ABNT para as que superam essa quantidade; e, conseqüentemente, teremos uma visualização mais fácil.

Vamos, portanto, à pesquisa.

Para coisas novas precisamos de palavras novas; assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente ao sentido múltiplo dos mesmos termos. As palavras *espiritual*, *espiritualista*, *espiritualismo* têm acepção bem definida; dar-lhes uma nova, para aplicá-los à Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar as causas já tão numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo; quem quer que acredite ter em si alguma coisa além da matéria é espiritualista; mas não se segue daí que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em lugar das palavras *espiritual*, *espiritualismo*, empregamos, **para indicar esta última crença, as palavras *espírita* e *espiritismo***, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, reservando ao vocábulo *espiritualismo* a sua acepção própria. Diremos, pois, que **a Doutrina *Espírita* ou o *Espiritismo* tem por princípio as**

relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritas*, ou, se quiserem, os *espiritistas*.

Como especialidade, *O Livro dos Espíritos* contém a Doutrina *Espírita*; como generalidade, prende-se **à doutrina espiritualista**, da qual apresenta uma das fases. Tal a razão por que traz no cabeçalho do seu título as palavras: **Filosofia espiritualista**. (KARDEC, 2007b, p. 21, grifo nosso).

A definição de crença, segundo o dicionário *Aurélio*, é:

S. f. 1. Ato ou efeito de crer; 2. Fé religiosa; 3. Aquilo em que se crê, que é objeto de crença. 4. Convicção íntima. 5. Opinião adotada com fé e convicção; 6. Filos. Forma de assentimento que se dá às verdades de fé, que é objetivamente insuficiente, embora subjetivamente se imponha com grande convicção. [Cf., nesta acepç., certeza (7) e opinião (6)].

Usualmente, na acepção popular, estaria ligado à fé religiosa, mas sendo o Espiritismo definido por Kardec como uma filosofia, tomemo-lo, pois, no significado filosófico, que também nos remete à questão de fé.

A ciência espírita compreende duas partes: uma experimental, sobre as manifestações em geral, **outra filosófica**, sobre as manifestações inteligentes. Aquele que observou apenas a primeira está na posição de quem só conhece a Física pelas experiências recreativas, sem haver penetrado o âmago da ciência. **A verdadeira Doutrina Espírita está no ensino que os Espíritos deram, e os conhecimentos que esse ensino comporta são muito graves** para serem adquiridos de outro modo que não seja por um estudo perseverante, feito no silêncio e no recolhimento; somente nessa condição se pode observar um número infinito de fatos e particularidades que

escapam ao observador superficial e permitem firmar uma opinião.

Se este livro não tivesse como resultado senão mostrar o lado sério da questão e provocar estudos neste sentido, já seria bastante e nos sentiríamos felizes por haver sido escolhido para realizar uma obra sobre a qual, aliás, não pretendemos ter nenhum mérito pessoal, já que os princípios que encerra não são criação nossa. Seu mérito é, pois, inteiramente dos Espíritos que o ditaram. Esperamos que ele tenha outro resultado, o de guiar os homens que desejam esclarecer-se, **mostrando-lhes, nestes estudos, um fim grande e sublime: o do progresso individual e social e o de lhes indicar o caminho a seguir para o alcançar.** (KARDEC, 2007b, p. 60, grifo nosso).

Assim, percebe-se que para Kardec a “verdadeira Doutrina Espírita está no ensino que os Espíritos deram”; portanto, é pura questão de filosofia, que é a parte mais importante.

No texto abaixo, usando das palavras do espírito Santo Agostinho, Kardec aceita ser o Espiritismo uma “moderna ciência espírita”, que se divide em duas partes: a experimental e a filosófica.

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, o dos princípios de filosofia e de moral que delas decorrem e o da aplicação desses princípios. Daí, três classes, ou melhor, **três graus de adeptos**: 1º os que creem nas manifestações e se limitam a comprová-las; para esses, o Espiritismo é uma ciência experimental; 2º os que compreendem as suas conseqüências morais; 3º os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral. **Seja qual for o ponto de vista, científico ou moral, sob o qual considerem esses estranhos fenômenos**, todos compreendem que eles constituem uma ordem inteiramente nova de

ideias que surge, **cujas consequências têm como resultado uma profunda modificação no estado da Humanidade, modificação que só pode operar-se no sentido do bem**, o que também é fácil de compreender. (KARDEC, 2007b, p. 568-569, (grifo nosso).

Parece-nos que aqui o Codificador deixa a critério de cada adepto definir-se por qual aspecto ele vê o Espiritismo; entretanto, voltará ao assunto mais à frente dando-nos uma definição mais clara disso.

O Espiritismo é, pois, o mais potente auxiliar da religião. Já que é assim, é porque Deus o permite, e o permite para reanimar as nossas esperanças vacilantes e nos reconduzir ao caminho do bem pela perspectiva do futuro. (KARDEC, 2007b, p. 142, grifo nosso).

Colocando o Espiritismo como auxiliar da religião, entendemos que estaria dizendo que as provas da vida após a morte e do intercâmbio com os mortos, são os elementos que fortalecem a religiosidade do crente, que, se antes se apoiava apenas numa fé cega, agora tem como base sólida a fé raciocinada.

Já que Jesus ensinou as verdadeiras leis de Deus, qual a utilidade do ensino dado pelos Espíritos? Terão eles mais alguma coisa a nos ensinar?

“Muitas vezes a palavra de Jesus era alegórica e em forma de parábolas, porque Ele falava de acordo com a época e os lugares. Agora, é preciso que a verdade seja inteligível para todos. É necessário explicar e desenvolver aquelas leis, já que pouquíssimos são os que as compreendem e menos ainda os que as praticam. Nossa missão é abrir os olhos e os ouvidos de todos para confundir os orgulhosos e desmascarar os hipócritas, que da religião e da virtude só

guardam a aparência, a fim de ocultarem suas torpezas. **O ensino dos Espíritos** deve ser claro e sem equívocos, de sorte que ninguém possa alegar ignorância e todos possam julgá-lo e apreciá-lo com a razão. **Estamos incumbidos de preparar o reino do bem anunciado por Jesus.** Daí a necessidade de que ninguém possa interpretar a lei de Deus ao sabor de suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei toda de amor e de caridade”.

(KARDEC, 2007b, p. 365, grifo nosso).

No tocante ao objetivo, que os Espíritos ensinam, através do Espiritismo, vê-se claramente que ele está ligado à religião, pois o está relacionando a “preparar o reino do bem anunciado por Jesus”; ora, isso não é outra coisa senão um vínculo direto com os ensinamentos de Jesus, isto é com a religião cristã.

O Espiritismo se tornará crença comum, ou continuará sendo professado apenas por algumas pessoas?

“Certamente que **se tornará crença comum** e marcará uma Nova Era na História da Humanidade, porque está na Natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos. Entretanto, terá que sustentar grandes lutas, mais contra os interesses, do que contra a convicção, pois não se pode dissimular a existência de pessoas interessadas em combatê-lo, umas por amor-próprio, outras por causas inteiramente materiais. Porém, como seus contraditores se tornarão cada vez mais isolados, serão forçados a pensar como os demais, sob pena de se tornarem ridículos.”

As ideias só se transformam com o tempo e nunca subitamente. Elas se enfraquecem de geração em geração e, pouco a pouco, acabam por desaparecer com os que as professavam, os quais são substituídos por outros indivíduos imbuídos de novos princípios, como acontece com as ideias políticas. Vede o paganismo.

Certamente, não há mais após o advento do Cristianismo; tais ideias deixaram vestígios que somente a renovação integral das raças conseguiu apagar. Dar-se-á o mesmo com o Espiritismo, que tem progredido bastante; mas, durante duas ou três gerações, ainda haverá um fermento de incredulidade que só o tempo dissipará. Sua marcha, porém, será mais rápida que a do Cristianismo, porque é o próprio **Cristianismo que lhe abre o caminho e serve de apoio**. O Cristianismo tinha que destruir; o Espiritismo só tem que edificar.

(KARDEC, 2007b, p. 438-439, grifo nosso).

Novamente é usada a palavra crença, que se liga intimamente à questão religiosa, o que não deixa de ser óbvio. E, se o Espiritismo tem apoio no Cristianismo, conforme afirmado por Kardec, então, como não tê-lo como uma religião? Temos, também, na opinião do espírito Santo Agostinho, a corroboração disso:

O Espiritismo é forte porque **se apoia sobre as próprias bases da religião**: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras; é forte, sobretudo, porque mostra essas penas e recompensas como conseqüências naturais da vida terrestre e também porque, no quadro que apresenta do futuro, nada há que a razão mais exigente possa recusar. (KARDEC, 2007b, p. 566, grifo nosso).

É importante questionar: como querem alguns, que uma coisa, apesar de se assentar sobre as próprias bases da religião, tenha, no entanto, uma conotação de não ser uma religião? Mas como se dá isso? Dá-se pelo simples motivo de, deliberadamente, não se querer misturar o Espiritismo com o que há de religiões por aí, já que é público e notório que, na esmagadora maioria delas, o grosso de seus líderes vivem de

explorar o povo. Importa-lhes pouco, ou quase nada, o aprimoramento espiritual dos seus fiéis.

Os Espíritos, perguntam algumas pessoas, nos ensinam nova moral, qualquer coisa de superior ao que disse o Cristo? Se a moral deles não é senão a do Evangelho, de que serve o Espiritismo? Este raciocínio se assemelha notavelmente ao do califa Omar, referindo-se à biblioteca de Alexandria: "Se ela não contém, dizia ele, mais do que o que está no *Alcorão*, é inútil e, portanto, deve ser queimada; se contém coisa diversa, é nociva e também deve ser queimada". Não, o **Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus**. Mas, perguntamos, por nossa vez: Antes que viesse o Cristo, os homens não tinham a lei dada por Deus a Moisés? A doutrina do Cristo não se acha contida no Decálogo? Dir-se-á, por isso, que a moral de Jesus era inútil? Perguntaremos ainda aos que negam utilidade da moral espírita: Por que é tão pouco praticada a moral do Cristo? E por que, justamente os que lhe proclamam a sublimidade, são os primeiros a violar a primeira de suas leis: *a caridade universal*? **Os Espíritos vêm não só confirmá-la, mas também mostrar-nos a sua utilidade prática. Tornam inteligíveis e patentes verdades que só haviam sido ensinadas sob a forma alegórica**. E, ao lado da moral, trazem-nos a definição dos mais abstratos problemas da Psicologia. (KARDEC, 2007b, p. 571-572, grifo nosso).

Bem esclarecedora, para nós, essa fala de Kardec na Conclusão de *O Livro dos Espíritos*. Evidentemente que, se o Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus, é porque ele traz uma moral apoiada justamente naquela que foi pregada por ele. Isso é ciência ou é religião?! Por outro lado, os espíritos vieram por qual motivo? Para provar que eles existem e, acima de tudo, tirar o véu que encobria certas verdades ditas por Jesus. A Ciência, na parte que lhe toca, só

entra para provar a existência dos espíritos; isso é fundamental e não há como negar tal fato; entretanto, o objetivo maior do Espiritismo é a moralização da humanidade, que é de alçada da religião ou, subsidiariamente, da Filosofia; jamais pura e simplesmente só da Ciência.

[...] um estudo esclarecido ensinará que o **Espiritismo repousa sobre as bases fundamentais da religião** e respeita todas as crenças; que **um de seus efeitos é incutir sentimentos religiosos nos que os não possuem**, fortalecê-los nos que os tenham vacilantes. [...] (KARDEC, 2007c, p. 43-44, grifo nosso).

Se o Espiritismo é dessa forma, não vemos porque não classificá-lo como sendo uma religião. Será que, nos dias atuais (ou em qualquer outra época), alguma ciência repousa sobre as bases fundamentais da religião? E que incute sentimentos religiosos em quem não tem? Ou tudo isso é de competência exclusiva da religião?

Padre. — Concordo que, nas questões gerais, **o Espiritismo é conforme às grandes verdades do Cristianismo**; dar-se-á, porém, o mesmo em relação aos dogmas?

Não contradiz ele alguns princípios que a Igreja nos ensina?

A. K. — **O Espiritismo é, antes de tudo, uma ciência, não cogita de questões dogmáticas. Esta ciência tem consequências morais como todas as ciências filosóficas; essas consequências são boas ou más?**

[...].

Mais bem observado depois que se vulgarizou, o Espiritismo vem derramar luz sobre grande número de questões, até hoje insolúveis ou mal compreendidas. **Seu verdadeiro caráter é,**

pois, o de uma ciência e não de uma religião; e a prova disso é que ele conta entre os seus aderentes homens de todas as crenças, que por esse fato não renunciaram às suas convicções: católicos fervorosos que não deixam de praticar todos os deveres do seu culto, quando a Igreja os não repele; protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e mesmo budistas e bramanistas.

Ele repousa, por conseguinte, em princípios independentes das questões dogmáticas. **Suas consequências morais são todas no sentido do Cristianismo, porque de todas as doutrinas é esta a mais esclarecida e pura;** razão pela qual, de todas as seitas religiosas do mundo, os cristãos são os mais aptos para compreendê-lo em sua verdadeira essência.

Podemos exprobrá-lo por isso?

Cada um pode formar de suas opiniões uma religião e interpretar à vontade as religiões conhecidas; **mas daí a constituir nova Igreja, a distância é grande.** (KARDEC, 2007d, p. 143-145, grifo nosso).

A preocupação de Kardec em querer sempre ressaltar que o Espiritismo é uma Ciência teve a sua razão de ser, pois não havia outro meio para que ele não fosse considerado apenas mais uma religião, entre milhares de outras, senão levando-o para o campo científico. Não nos esqueçamos que a apresentação do Espiritismo antes de ser feita ao grande público, foi feita ao mundo científico da época. E como no Espiritismo não havia hierarquia, ritos, etc, aí sim, não se poderia mesmo classificá-lo como religião, porquanto, o conceito vigente era o de que, para ser religião, haveria que ter tudo isso.

Padre. — Permitti-me, então, dizer-vos que, **desde que os Espíritos só ensinam os princípios de moral encontrados no**

Evangelho, não vejo qual possa ser a utilidade do Espiritismo, visto como antes que este viesse e hoje, sem ser por ele, podíamos e podemos alcançar a salvação. Não seria o mesmo se os Espíritos viessem ensinar algumas grandes verdades novas, alguns desses princípios que mudam a face do mundo, como fez o Cristo. Ao menos o Cristo era só, sua doutrina era única, ao passo que os Espíritos se contam por milhares e se contradizem, uns dizendo que é branco o que outros afirmam ser negro; do que resulta que, já desde o começo, seus partidários formam muitas seitas. Não seria melhor deixarmos os Espíritos tranquilos e contentarmos-nos com o que já temos?

A. K. — Errais, meu amigo, em não sair do vosso ponto de vista e em considerar sempre a Igreja como o único critério dos conhecimentos humanos.

Se o Cristo disse a verdade, o Espiritismo não podia dizer outra coisa, e em vez de por isso apedrejá-lo, **deve-se acolhê-lo como poderoso auxiliar, que vem confirmar**, por todas as vozes de Além-Túmulo, **as verdades fundamentais da religião**, combatidas pela incredulidade.

Que o materialismo o combata, explica-se facilmente; mas que a Igreja se ligue ao materialismo contra ele, é um fato menos concebível. Igualmente inconsequente é ela quando qualifica de demoníaco um ensino que se apoia sobre a mesma autoridade e que proclama a missão divina do fundador do Cristianismo.

O Cristo teria dito, teria revelado tudo? Não; visto que ele próprio disse: *"Eu teria ainda muitas coisas a dizer-vos, mas vós não podeis compreendê-las, é por isso que eu vos falo em parábolas."*

O Espiritismo vem hoje, época em que o homem está maduro para compreendê-lo, completar e explicar o que o Cristo propositadamente não fez senão tocar, ou não disse senão sob a forma alegórica. Direis, sem dúvida, que à Igreja competia dar essa explicação. Mas, qual delas? a romana, a grega ou a protestante? Como não estão elas de acordo,

cada uma explicaria a seu modo e reivindicaria o privilégio de dar essa explicação. Qual delas conseguiria arrebanhar todos os dissidentes?

[...].

Vejamos, agora, a sua influência moral. Admitamos que ele nada ensine, sob este ponto de vista; qual o maior inimigo da religião? O materialismo, porque o materialista não crê em coisa alguma; ora, o Espiritismo é a negação do materialismo, que já não tem razão de ser. Não é mais pelo raciocínio, pela fé cega que se diz ao materialista que nem tudo se acaba com o corpo; é pelos fatos que se lhe mostram visíveis e palpáveis. Não será isso um pequeno serviço prestado à humanidade e à religião? Porém não é ainda tudo: a certeza da vida futura, o quadro vivo daqueles que nos precederam nela, mostram a necessidade do bem e as consequências inevitáveis do mal. **Eis por que, sem ser uma religião, o Espiritismo se prende essencialmente às ideias religiosas, desenvolve-as naqueles que não as possuem, fortifica-as nos que as têm incertas.**

A religião encontra, pois, um apoio nele, não para as pessoas de vistas estreitas, que a veem integralmente na doutrina do fogo eterno, na letra mais que no espírito, mas para aqueles que a veem segundo a grandeza e a majestade de Deus.

[...].

Apresento claramente as questões seguintes, a quantos combatem o **Espiritismo, sob o ponto de vista de suas consequências religiosas:**

1ª Quem terá melhor quinhão na vida futura — aquele que não crê em coisa alguma, ou aquele que, crente das verdades gerais, não admite certas partes do dogma?

2ª O protestante e o cismático serão confundidos na mesma reprovação que o ateu e o materialista?

3ª O que não é ortodoxo, no rigor da palavra, mas faz o bem que pode, que é bom e indulgente para com o próximo, leal em suas relações sociais, deve contar menos com a salvação, do que aquele que crê em tudo, mas é duro, egoísta

e baldo de caridade?

4ª Qual terá mais valor aos olhos de Deus: a prática das virtudes cristãs sem a dos deveres da ortodoxia, ou a destes últimos sem a da moral?

Respondi, senhor abade, às questões e objeções que me dirigistes, mas, como vo-lo disse no começo, sem intenção alguma preconcebida de conduzir-vos às nossas ideias e de mudar as vossas convicções, **limitando-me tão-somente a fazer-vos encarar o Espiritismo sob seu verdadeiro aspecto**. Se não tivésseis vindo, eu não vos teria ido procurar. (KARDEC, 2007d, p. 160-164, grifo nosso).

Continua Kardec relacionando o Espiritismo como ciência, mas não deixa de demonstrar as consequências religiosas de que é portador, bem como do seu efeito moralizante sobre seus adeptos sinceros.

A certa altura do seu diálogo com o padre, Kardec lhe disse:

O Espiritismo tem por fim combater a incredulidade e suas funestas consequências, fornecendo provas patentes da existência da alma e da vida futura; ele se dirige, pois, àqueles que em nada creem ou que de tudo duvidam, e o número desses não é pequeno, como muito bem sabeis; os que têm fé religiosa e a quem *esta fé satisfaz*, dele não têm necessidade.

Àquele que diz: "Eu creio na autoridade da Igreja e não me afasto dos seus ensinamentos, sem nada buscar além dos seus limites", o Espiritismo responde que não se impõe a pessoa alguma e que não vem forçar nenhuma convicção.

A liberdade de consciência é consequência da liberdade de pensar, que é um dos atributos do homem; e o Espiritismo, se não a respeitasse, estaria em contradição com os seus princípios de liberdade e tolerância. (KARDEC, 2007d, p. 137, grifo nosso).

Ao estabelecer a finalidade do Espiritismo, que é combater a incredulidade, o Codificador remete-nos ao campo da crença religiosa ao afirmar que ele se dirige aos que em nada creem, ou seja, os que não têm religião.

Entre os que se convenceram por um estudo direto, podem destacar-se:

1º Os que creem pura e simplesmente nas manifestações. Para eles, o Espiritismo é apenas uma ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos. Chamar-lhes-emos *espíritas experimentadores*.

2º Os que no Espiritismo veem mais do que fatos; compreendem-lhe a parte filosófica; admiram a moral daí decorrente, mas não a praticam. Insignificante ou nula é a influência que lhes exerce nos caracteres. Em nada alteram seus hábitos e não se privariam de um só gozo que fosse. O avarento continua a sê-lo, o orgulhoso se conserva cheio de si, o invejoso e o cioso sempre hostis. Consideram a caridade cristã apenas uma bela máxima. São os *espíritas imperfeitos*.

3º **Os que não se contentam com admirar a moral espírita, que a praticam e lhe aceitam todas as consequências.** Convencidos de que a existência terrena é uma prova passageira, tratam de aproveitar os seus breves instantes para avançar pela senda do progresso, única que os pode elevar na hierarquia do mundo dos Espíritos, **esforçando-se por fazer o bem e coibir seus maus pendores.** As relações com eles sempre oferecem segurança, porque a convicção que nutrem os preserva de pensarem em praticar o mal. **A caridade é, em tudo, a regra de proceder** a que obedecem. **São os verdadeiros espíritas, ou melhor, os espíritas cristãos.**

4º Há, finalmente, os *espíritas exaltados*. A espécie humana seria perfeita, se sempre tomasse o lado bom das coisas. Em tudo, o exagero é prejudicial. Em Espiritismo, infunde confiança demasiado cega e frequentemente pueril, no tocante ao mundo invisível, e leva a aceitar-se, com extrema facilidade e sem

verificação, aquilo cujo absurdo, ou impossibilidade a reflexão e o exame demonstrariam. O entusiasmo, porém, não reflete, deslumbra. Esta espécie de adeptos é mais nociva do que útil à causa do Espiritismo. São os menos aptos para convencer a quem quer que seja, porque todos, com razão, desconfiam dos julgamentos deles. Graças à sua boa-fé, são iludidos, assim, por Espíritos mistificadores, como por homens que procuram explorar-lhes a credulidade. Meio-mal apenas haveria, se só eles tivessem que sofrer as consequências. O pior é que, sem o quererem, dão armas aos incrédulos, que antes buscam ocasião de zombar, do que se convencerem e que não deixam de imputar a todos o ridículo de alguns. Sem dúvida que isto não é justo, nem racional; mas, como se sabe, os adversários do Espiritismo só consideram de bom quilate a razão de que desfrutam, e conhecer a fundo aquilo sobre que discorrem é o que menos cuidado lhes dá. (KARDEC, 2007c, p. 45-46, grifo nosso).

Interessante é a expressão que Kardec usa no primeiro item, em relação aos que creem simplesmente nas manifestações, quando qualifica os espíritas em classes; veja: “Para eles o Espiritismo é apenas ciência de observação”; o “apenas” aí é muito sintomático. Como designou os verdadeiros espíritas? Alguma coisa que poderia se relacionar à religião? Sim, já que ele, o codificador, os denominou de espíritas cristãos; e, até onde sabemos, o termo “cristãos” é usado estritamente para os que frequentam instituições religiosas; por consequência, os que admitem os seus princípios e concomitantemente os do Espiritismo consideram este como uma religião.

[...] As instruções que promanam dos **Espíritos** são verdadeiramente *as vozes do céu* que **vêm esclarecer os homens e convidá-los**

à prática do Evangelho. (KARDEC, 2007e, p. 28, grifo nosso).

Evidencia-se aqui qual é o objetivo das manifestações dos espíritos, que não é outro senão o de nos colocar diante dos ensinamentos de Jesus, pela prática do Evangelho. Perguntamos novamente: isso é Ciência ou é da alçada da religião? Certamente, que só dessa última.

A lei do Antigo Testamento teve em Moisés a sua personificação; a do Novo Testamento tem-na no Cristo. **O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus**, mas não tem a personificá-la nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, sim pelos Espíritos, que *são as vozes do Céu*, em todos os pontos da Terra, com o concurso de uma multidão inumerável de intermediários. É, de certa maneira, um ser coletivo, formado pelo conjunto dos seres do mundo espiritual, cada um dos quais traz o tributo de suas luzes aos homens, para lhes tornar conhecido esse mundo e a sorte que os espera. (KARDEC, 2007e, p. 59-60, grifo nosso).

As duas primeiras revelações, aqui citadas, são vistas como sendo algo de cunho estritamente religioso, a terceira, via de consequência, também o será, já que se trata, como as anteriores, de revelação da lei de Deus; portanto, dizer que o Espiritismo é uma religião não se está cometendo nenhuma impropriedade, como pensam alguns de seus seguidores.

Assim será com os adeptos do Espiritismo. Pois que **a doutrina que professam mais não é que o desenvolvimento e a aplicação da do Evangelho**, também a eles se dirigem as palavras do Cristo. Eles semeiam na Terra o que colherão na vida espiritual. Colherão lá os frutos da sua coragem ou da sua fraqueza. (KARDEC,

2007e, p. 375, grifo nosso).

Se a doutrina, que os adeptos do Espiritismo professam, não é mais do que o desenvolvimento e a aplicação da doutrina do Evangelho, como não situá-lo como religião? Se a doutrina do Evangelho é de exclusiva competência da religião, então qual é a dúvida?!

O Espiritismo é uma opinião, uma crença; fosse até uma religião, por que se não teria a liberdade de se dizer espírita, como se tem a de se dizer católico, protestante, ou judeu, adepto de tal ou qual doutrina filosófica, de tal ou qual sistema econômico? **Essa crença** é falsa, ou é verdadeira, se é falsa, cairá por si mesma, visto que o erro não pode prevalecer contra a verdade, quando se faz luz nas inteligências. Se é verdadeira, não haverá perseguição que a torne falsa. (KARDEC, 2007e, p. 441, grifo nosso).

Embora, no texto acima, Kardec não tenha dito claramente que o Espiritismo é uma religião, considerando isso como uma hipótese apenas, acreditamos que, de forma indireta, ele acaba por admitir esse fato, quando compara a liberdade que temos em nos dizer espíritas, com a que alguém tem em se dizer católico, protestante ou judeu, etc.

O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza, que revela, tudo quanto o Cristo disse e fez; elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte que aqueles para quem eram ininteligíveis certas partes do Evangelho, ou pareciam inadmissíveis, as compreendem e admitem, sem dificuldade, com o auxílio desta doutrina; veem melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria; o Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente

um filósofo, é um Messias divino.

Demais, se se **considerar o poder moralizador do Espiritismo**, pela finalidade que assina a todas as ações da vida, por tornar quase tangíveis as consequências do bem e do mal, pela força moral, a coragem e as consolações que dá nas aflições, mediante inalterável confiança no futuro, pela ideia de ter cada um perto de si os seres a quem amou, a certeza de os rever, a possibilidade de confabular com eles; enfim, pela certeza de que tudo quanto se fez, quanto se adquiriu em inteligência, sabedoria, moralidade, até à última hora da vida, não fica perdido, que tudo aproveita ao adiantamento do Espírito, **reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do Consolador anunciado**. Ora, como é o Espírito de Verdade que preside ao grande movimento da regeneração, a promessa da sua vinda se acha por essa forma cumprida, porque, de fato, é ele o verdadeiro Consolador. (KARDEC, 2007a, p. 42-43, grifo nosso).

Aqui ele não poderia ter sido mais incisivo, pois, ao afirmar que o Espiritismo vem confirmar e explicar tudo quando o Cristo disse e fez, e que elucida os pontos obscuros do ensino cristão e, ainda, que é ele a realização da promessa de Cristo sobre o envio do Consolador, estabelece, diretamente, uma correlação entre Espiritismo e religião, que tem, segundo o próprio Kardec, um poder moralizador sobre os seus adeptos. Isso em momento algum vem negar o seu aspecto científico; entretanto, não é ele nada mais que o suporte ou a base, caso queiram, para toda a filosofia religiosa do Espiritismo. Essa conotação, além de não negar o seu aspecto científico, serve de suporte ou base, caso queiram, para o arcabouço filosófico religioso do Espiritismo.

No estado atual da opinião e dos

conhecimentos, **a religião, que terá de congregar um dia todos os homens sob o mesmo estandarte**, será a que melhor satisfaça à razão e às legítimas aspirações do coração e do espírito; que não seja em nenhum ponto desmentida pela ciência positiva; que, em vez de se imobilizar, acompanhe a Humanidade em sua marcha progressiva, sem nunca deixar que a ultrapasse; que não for nem exclusivista, nem intolerante; que for a emancipadora da inteligência, com o não admitir senão a fé racional; aquela cujo código de moral seja o mais puro, o mais lógico, o mais de harmonia com as necessidades sociais, o mais apropriado, enfim, a fundar na Terra o reinado do Bem, pela prática da caridade e da fraternidade universais. (KARDEC, 2007a, p. 437-438, grifo nosso).

Mas que religião é essa, que congregará um dia todos os homens sob o mesmo estandarte e que satisfaça à razão? É, precisamente, o Espiritismo. Qual será a religião que não venha a ser desmentida em nenhum ponto pela ciência positiva? Obviamente é o Espiritismo que se ajusta a esse importante quesito. A quem Kardec aplicava o caráter de fé racional? Ao Espiritismo, certamente. Assim, juntando-se todas essas premissas, que Kardec aqui coloca, só encontramos uma mesma resposta para todas elas: O Espiritismo, como sendo essa religião que congregará um dia todos os homens.

O Espiritismo realiza, como ficou demonstrado, **todas as condições do Consolador que Jesus prometeu**. Não é uma doutrina individual, nem de concepção humana; ninguém pode dizer-se seu criador. É fruto do ensino coletivo dos Espíritos, ensino a que preside o Espírito de Verdade. **Nada suprime do Evangelho: antes o completa e elucida**. Com o auxílio das novas leis que revela, conjugadas essas leis às que a Ciência já descobrira, faz se

compreenda o que era ininteligível e se admita a possibilidade daquilo que a incredulidade considerava inadmissível. Teve precursores e profetas, que lhe pressentiram a vinda. **Pela sua força moralizadora**, ele prepara o reinado do bem na Terra. (KARDEC, 2007a, p. 441, grifo nosso).

A correlação que se estabelece entre o Espiritismo e o Consolador, que foi prometido por Jesus, não se concilia com nenhum objetivo científico, mas, obviamente, a um estritamente religioso. Assim, não podemos querer estabelecer ao Espiritismo, como religião natural, uma outra meta que não a da moralização do homem, pois isso seria destitui-lo de "sua força moralizadora". Como pode um ser exclusivamente ligado à religião, no caso o Espírito de Verdade, presidir algo que não seja de cunho exclusivamente religioso? É, portanto, mais um ponto que o caracteriza como religião e não como Ciência.

O Espiritismo não é solidário com aqueles a quem apraza dizerem-se espíritas, do mesmo modo que a Medicina não o é com os que a exploram, nem a sã religião com os abusos e até crimes que se comentem em seu nome. Ele **não reconhece como seus adeptos senão os que lhe praticam os ensinamentos, isto é, que trabalham por melhorar-se moralmente**, esforçando-se por vencer os seus maus pendores, por ser menos egoístas e menos orgulhosos, mais brandos, mais humildes, mais caridosos para com o próximo, mais moderados em tudo, **porque é essa a característica do verdadeiro espírita**. (KARDEC, 2006, p. 286, grifo nosso).

Mas se os adeptos são os que colocam em prática seus ensinamentos, ou seja, os que se esforçam insistentemente para o seu próprio aprimoramento moral, e sendo essa a

característica do VERDADEIRO espírita, não há como não aceitá-lo senão fundamentalmente quanto ao aspecto religioso. Conforme já o dissemos anteriormente, isso não implica negar a base científica em que se apoia para demonstrar a realidade dos fenômenos, cujo fim é o aprimoramento do homem.

O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer doutrina espiritualista, pelo que **forçosamente vai ter as bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas não é, uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre os seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo-sacerdote.** Estes qualificativos são de pura invenção da crítica. (KARDEC, 2006, p. 289-290, grifo nosso).

O que Kardec disse aqui, voltará a dizê-lo no discurso que fez perante a Sociedade Espírita de Paris, em 01 de novembro de 1868. É importante ressaltar o motivo pelo qual ele diz que o Espiritismo não é uma religião constituída: “visto que não tem culto, nem rito, nem templo, nem hierarquia”, sinais exteriores pelos quais, tradicionalmente, se identifica uma filosofia como religião. Assim, se o Espiritismo não o é por esses sinais exteriores; entretanto, o é pelo seu aspecto, o filosófico; com base neste é que Kardec afirma que ele é uma doutrina filosófica. Ora, a religião obviamente é encarada puramente no sentido filosófico, não em outro. Além do que foi dito no discurso acima, novamente, mais adiante, ele irá dizer que “no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião e disto nos glorificamos”. E a crítica de Kardec não seria, acreditamos, pelo fato do Espiritismo ter ou não

tudo aquilo; mas é porque, naquele momento, se tivesse tais coisas, ele seria encarado apenas como "mais uma" religião, o que levaria ao seu fracasso, com absoluta certeza. Assim, para nós, foi necessário e providencial, naquele momento histórico, não classificá-lo somente como religião, mas também como ciência. Agindo dessa forma atraiu para si os intelectuais que o estudaram e pesquisaram, provocando, de certa forma, o seu progresso e a rápida adesão de muitas pessoas.

30 DE ABRIL DE 1856

(Em casa do sr. Roustan; médium: Srta. Japhet)

Primeira revelação de minha missão

Eu assistia, desde algum tempo, às sessões que se realizavam em casa do Sr. Roustan e começara aí a revisão do meu trabalho, que posteriormente formaria *O Livro dos Espíritos*. Numa dessas sessões, muito íntima, a que, apenas assistiam sete ou oito pessoas, falavam estas de diferentes coisas relativas aos acontecimentos capazes de acarretar uma transformação social, quando o médium, tomando da cesta, espontaneamente escreveu isto:

"Quando o bordão soar, abandoná-lo-eis; apenas aliviareis o vosso semelhante; individualmente o magnetizareis, a fim de curá-lo. Depois, cada um no posto que lhe foi preparado, porque de tudo se fará mister, pois que tudo será destruído, ao menos temporariamente. **Deixará de haver religião e uma se fará necessária, mas verdadeira, grande, bela e digna do Criador... Os seus primeiros alicerces já foram colocados... Quanto a ti, Rivail, a tua missão é aí.** (Livre, a cesta se voltou rapidamente para o meu lado, como o teria feito uma pessoa que me apontasse com o dedo.) A ti, M..., a espada que não fere,

porém mata; contra tudo o que é, serás tu o primeiro a vir. Ele, Rivail, virá em segundo lugar: é o obreiro que reconstrói o que foi demolido."

(KARDEC, 2006, p. 308, grifo nosso).

Nessa revelação a Kardec, sobre a sua missão, não nos resta dúvida, quanto a esse ponto de vista, que o Espiritismo é uma religião. Observe, caro leitor, que isso fica evidente, pois foi dito que se fará necessária somente uma religião, aquela que será considerada a "verdadeira, grande e bela e digna do Criador". Esse desiderato a qual religião caberá? Respondemos, utilizando-nos da fala dos espíritos: "os seus primeiros fundamentos já estão colocados", que completaram, dizendo a Kardec, que a missão dele estava aí; evidente que estavam falando, portanto, do Espiritismo. Não temos como interpretar isso de outra forma, senão a de que o Espiritismo será o veículo para se chegar a essa religião verdadeira, grande e bela e digna do Criador. Talvez sejam esses os reais motivos que levam aos profíctes das demais religiões tradicionais, constituídas há mais tempo, a tanto combatê-lo. Esse ataque parece decorrer de pura ciúmeira, justamente em face de se aceitar o Espiritismo como uma religião, vislumbrando nele a religião do futuro pelo que ele representa: a síntese de todas as demais.

15 DE ABRIL DE 1860

(Marselha; médium: Sr. Jorge Genouillat)

(Comunicação transmitida pelo sr. Brion Dorgeval)

Futuro do Espiritismo

O Espiritismo é chamado a desempenhar imenso papel sobre a Terra. Ele reformará a

legislação ainda tão frequentemente contrária às leis divinas; retificará os erros da História; **restaurará a religião do Cristo**, que se tornou, nas mãos dos padres, objeto de comércio e de tráfico vil; **instituirá a verdadeira religião, a religião natural**, a que parte do coração e vai diretamente a Deus, sem se deter nas franjas de uma sotaina, ou nos degraus de um altar. Extinguirá para sempre o ateísmo e o materialismo, aos quais alguns homens foram levados pelos incessantes abusos dos que se dizem ministros de Deus, pregam a caridade com uma espada em cada mão, sacrificam às suas ambições e ao espírito de dominação, os mais sagrados direitos da Humanidade. (KARDEC, 2006, p. 330-331, grifo nosso).

Se o Espiritismo reconduzirá os homens à religião do Cristo, instituindo a verdadeira religião, a religião natural, por que se quer retirar dele a conotação de ser uma religião? A religião verdadeira, a religião natural, seria aquela sem ritos, sem templos suntuosos, sem dogmas, sem hierarquia; será que Kardec a identificava como sendo o Espiritismo? Achamos que sim. Daí, entendermos, a existência dos ataques sistemáticos que ele sofre desde o seu nascedouro.

Aproxima-se a hora em que te será necessário apresentar o Espiritismo qual ele é, mostrando a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo. Aproxima a hora em que, à face do céu e da Terra, **terás de proclamar que o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã a única instituição verdadeiramente divina e humana.** Ao te escolherem, os Espíritos conheciam a solidez de tuas convicções e sabiam que a tua fé, qual muro de aço, resistiria a todos os ataques. (KARDEC, 2006, p. 340, grifo nosso).

Essa comunicação foi recebida em 9 de agosto de 1863; é bom observar que a data é anterior à publicação de

O Evangelho Segundo o Espiritismo – abril de 1864 –, como num prenúncio da importância desse livro para o objetivo a que se propõe a Doutrina dos Espíritos. Se o Espiritismo é verdadeiramente a doutrina ensinada pelo Cristo e a única tradição cristã, não seremos nós quem irá contradizer isso. Aliás, ao contrário, diante dessa afirmativa, diremos que a nossa opinião está ficando cada vez mais firme de que o Espiritismo é mesmo uma religião ou melhor, o ponto de convergência de todas as religiões.

Na citação imediatamente anterior, a de abril de 1860, está se afirmando que haverá uma só religião, que ela seria a única e verdadeira; nessa, de agora, cita-se, claramente, que esta é Espiritismo. Para nós, isso está repetindo o que anteriormente disseram naquela outra de forma explícita.

[...] Não se poderia, pois, contestar a utilidade de um órgão especial, que mantenha o público ao corrente dos progressos desta ciência nova, e o premuna dos exageros da credulidade, tão bem quanto contra o ceticismo. É essa lacuna que nos propomos preencher com a publicação desta revista, com o fim de oferecer um meio de comunicação a todos aqueles que se interessam por estas questões, e de ligar, por um laço comum, **aqueles que compreendem a Doutrina Espírita sob o seu verdadeiro ponto de vista moral: a prática do bem e da caridade evangélica com relação a todo o mundo** (KARDEC, 2001a, p. 2, grifo nosso).

Temos aqui que o Espiritismo, sob o verdadeiro ponto de vista moral, conduz à prática do bem e da caridade evangélica, preceitos, incontestavelmente, religiosos.

Em suas instruções, os Espíritos superiores

têm, sempre, por objetivo excitar, nos homens, o amor ao bem pela **prática dos preceitos evangélicos**; [...]. (KARDEC, 2001a, p. 5, grifo nosso).

Ora, se a missão dos Espíritos superiores, em suas instruções, é concitar as pessoas no amor ao bem pela prática dos preceitos evangélicos, só podemos ligá-la a algo de cunho estritamente religioso; por conseguinte, se o Espiritismo é justamente o conjunto dessas instruções, não se deveria tirar dele esse caráter.

Entre as numerosas cartas que nos foram dirigidas, desde a publicação de *O Livro dos Espíritos*, não citaremos senão duas, porque resumem, de alguma sorte, **a impressão que esse livro produziu, e o fim essencialmente moral dos princípios que encerra**. (KARDEC, 2001a, p. 35, grifo nosso).

Muito interessante essa percepção de Kardec, em relação ao livro citado, provando que também nele, para nossa surpresa, se encontra o fim essencialmente moral dos princípios que a Doutrina encerra, que nos liga às questões filosóficas e não às científicas.

[...] A religião nos ensina a existência da alma e a sua imortalidade; o Espiritismo disso nos dá prova palpável e viva, não mais pelo raciocínio, mas pelos fatos. O materialismo é um dos vícios da sociedade atual, porque engendra o egoísmo. O que há, com efeito, fora do *eu para* quem tudo relaciona com a matéria e a vida presente? **A Doutrina Espírita, intimamente ligada às ideias religiosas, esclarecendo-nos sobre a nossa natureza, nos mostra a felicidade na prática das virtudes evangélicas; lembra o homem quanto aos seus deveres para com Deus**, a sociedade e a si mesmo; ajudar a sua

propagação é dar um golpe mortal na praga do ceticismo, que nos invade como um mal contagioso; honra, pois, àqueles que empregam, nessa obra, os bens com que Deus os favoreceu na Terra! (KARDEC, 2001a, p. 90-91, grifo nosso).

Esse é um trecho do segundo artigo no qual Kardec fala do Sr. Home, médium extraordinário, que produziu vários fenômenos de efeitos físicos, entre eles o de levitação e materialização. Ligando a essência do Espiritismo às ideias religiosas, diz que isso proporciona ao homem a prática das virtudes evangélicas e lembra-o dos seus deveres para com Deus, ou seja, preceitos que encontramos na religião.

O Espiritismo, com efeito, é um laço fraternal que deve conduzir à prática da caridade cristã *todos aqueles que o compreendam em sua essência*, porque tende a fazer desaparecer os sentimentos de ódio, de inveja, de ciúme que dividem os homens; mas essa fraternidade não é a de uma seita; para ser segundo os divinos preceitos do Cristo, ela deve abraçar a Humanidade toda, porque todos os homens são os filhos de Deus; se alguns estão afastados, ele manda lamentá-los; proíbe odiá-los. Amai-vos uns aos outros, disse Jesus; não disse: Amai aqueles que pensam como vós; por isso, quando os nossos adversários nos atiram pedras, não devemos nunca lhes devolver as maldições: esses princípios serão sempre daqueles que os professam, de homens que não procurarão nunca na desordem e no mal do seu próximo, a satisfação de seus interesses ou de suas paixões. (KARDEC, 2001a, p. 204, grifo nosso).

Aqui é quase o que foi falado anteriormente; somente que usando-se de outras palavras. Os que o entendem em essência, conforme dito, praticam a caridade cristã; eis no

que se resume. Ora, isso é religião, não uma outra coisa qualquer.

[...] Estar-se-ia em erro crendo que fazemos da revelação de mundos desconhecidos o objeto capital da Doutrina; isso não será sempre, para nós, senão um acessório, mas um acessório que cremos útil como complemento de estudo; **o principal será sempre, para nós, o ensinamento moral**, e, nas comunicações de além-túmulo, **procuramos sobretudo o que pode esclarecer a Humanidade e conduzi-la para o bem**, único meio de assegurar sua felicidade neste mundo e no outro. [...]. (KARDEC, 2001a, p. 222, grifo nosso).

Novamente temos a questão do ensinamento moral como elemento principal que devemos absorver dos ensinamentos dos espíritos, através da codificação feita por Kardec.

[...] **O ensino dos Espíritos é eminentemente cristão; apoia-se sobre a imortalidade da alma, as penas e recompensas futuras, o livre arbítrio do homem, a moral do Cristo**; portanto, não é antirreligiosa. (KARDEC, 2001a, p. 301, grifo nosso).

Diremos que, ao contrário, é completamente religioso.

Em 28 de setembro de 1858, junto à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, manifestou-se espontaneamente o espírito da senhora Staël, que, através de um médium escrevente, ditou o seguinte:

Viver é sofrer; sim, mas a esperança não segue o sofrimento? Deus não colocou no coração dos mais infelizes a maior dose de esperança? Criança, o desgosto e a decepção seguem o nascimento; mas diante dele marcha a esperança que lhe diz: Avance, o objetivo é a felicidade:

Deus é clemente.

Por que, dizem os espíritos fortes, vir-nos ensinar uma nova religião, quando o Cristo pôs as bases de uma caridade tão grandiosa, de uma felicidade tão certa? Não temos a intenção de mudar o que o grande reformador ensinou. Não: somente viemos reafirmar nossa confiança, aumentar nossas esperanças. Quanto mais o mundo se civilize, mais deverá ter confiança, e mais também teremos necessidade de sustentá-lo. Não queremos mudar a face do Universo, viemos ajudar a torná-lo melhor; e se, neste século, não se vier em ajuda ao homem, será muito infeliz pela falta de confiança e de esperança. Sim, homem sábio que lê nos outros, que procuras conhecer o que pouco te importa, e atiras longe de ti o que te concerne, abre os olhos, não desesperes; não digas mais: O nada pode ser possível, quando, em teu coração, deveria sentir o contrário. Vem assentar-te a esta mesa e espera: tu te instruirás de teu futuro, serás feliz. Aqui, há pão para todo o mundo: espíritos, vos desenvolvereis; corpos, vos nutrireis; sofrimentos, vos acalmareis; esperanças, florireis e embelezareis a vida para fazê-la suportar. *Staël*. (KARDEC, 2001a, p. 307-308, grifo nosso).

Observa-se que àquela época algumas pessoas já tinham o Espiritismo como religião. Na mensagem, o espírito *Staël* afirma que eles, os espíritos, não vieram contrariar o que Cristo legou à humanidade, mas reafirmar tudo quanto ele disse.

No início era comum o questionamento sobre qual poderia ser a utilidade da propagação das ideias espíritas; a resposta de Kardec a isso foi:

O Espiritismo, sendo a prova palpável, evidente da existência, da individualidade e da imortalidade da alma, é a destruição do Materialismo. Essa negação de toda religião, essa

praga de toda sociedade. O número dos materialistas que foram conduzidos a ideias mais sadias é considerável e aumenta todos os dias: só isso seria um benefício social. Ele não prova somente a existência da alma e sua imortalidade; mostra o estado feliz ou infeliz delas segundo os méritos desta vida. As penas e as recompensas futuras não são mais uma teoria, são um fato patente que se tem sob os olhos. Ora, como **não há religião possível sem a crença em Deus**, na imortalidade da alma, nas penas e nas recompensas futuras, **se o Espiritismo conduz a essas crenças aqueles em que estavam apagadas, disso resulta que é o mais poderoso auxiliar das ideias religiosas: dá a religião àqueles que não a têm; fortifica-naqueles em que ela é vacilante**; consola pela certeza do futuro, faz aceitar com paciência e resignação as tribulações desta vida, e afasta do pensamento do suicídio, pensamento que se repele naturalmente quando se lhe vê as conseqüências: eis porque aqueles que penetraram esses mistérios estão felizes com isso; é para eles uma luz que dissipa as trevas e as angústias da dúvida.

Se considerarmos agora a moral ensinada pelos Espíritos superiores, ela é toda evangélica, é dizer tudo: prega a caridade cristã em toda a sua sublimidade; faz mais, mostra a necessidade para a felicidade presente e futura, porque as conseqüências do bem e do mal que fizermos estão ali diante dos nossos olhos. Conduzindo os homens aos sentimentos de seus deveres recíprocos, o Espiritismo neutraliza o efeito das doutrinas subversivas da ordem social. (KARDEC, 1993a, p. 5, grifo nosso).

Ora, se o Espiritismo dá a prova, os que o negam como religião ficam em "papos de aranha", pois ele é um poderoso auxiliar da religião fazendo surgir ideias religiosas naqueles que não a têm; além disso, como ele contém a moral evangélica, somente por incoerência é que não iríamos classificá-lo também como uma religião, uma vez que "prega

a caridade cristã em toda a sua sublimidade”, conforme as próprias palavras ditas por Kardec.

[...] Temos uma alma, seja; mas, o que é a nossa alma? Tem ela uma forma, uma aparência qualquer? É um ser limitado ou indefinido? Uns dizem que é um sopro de Deus, outros uma centelha, outros uma parte do grande todo, o princípio da vida e da inteligência; mas o que é que tudo isso nos ensina? Diz-se, ainda, que ela é imaterial; mas uma coisa imaterial não poderia ter proporções definidas; para nós isso não é nada. A religião nos ensina, ainda, que seremos felizes ou infelizes, segundo o bem ou o mal que fizermos; mas qual é essa felicidade que nos espera no seio de Deus? É uma beatitude, uma contemplação eterna, sem outro emprego que o de cantar os louvores do Criador? As chamas do inferno são uma realidade ou uma figura? A própria Igreja o entende nesta última acepção, mas, quais são esses sofrimentos? Onde está esse lugar de suplício? Em uma palavra, que se faz, que se vê, nesse mundo que a todos espera? Ninguém, diz-se, voltou para dele nos dar conta. É um erro, **e a missão do Espiritismo é precisamente esclarecer-nos sobre esse futuro**, de no-lo fazer, até um certo ponto, tocar pelo dedo e pelo olhar, não mais pelo raciocínio, mas pelos fatos. Graças às comunicações espíritas, isso não é mais uma presunção, uma probabilidade sobre a qual cada um borda à sua maneira, que os poetas embelezam com suas ficções, ou semeiam imagens alegóricas que nos enganam, é a própria realidade que nos aparece, porque são os próprios seres de além-túmulo que vêm nos pintar a sua situação, dizer-nos o que fazem, que nos permitem assistir, por assim dizer, a todas as peripécias de sua nova vida, e, por esse meio, nos mostram a sorte inevitável que nos espera, segundo nossos méritos e nossos defeitos. **Há aí algo de anti-religioso? Bem ao contrário**, uma vez que os incrédulos nisso encontram a fé, os tédidos uma renovação de fervor e de confiança. **O Espiritismo é, pois, o mais poderoso auxiliar da religião.** Uma vez que isso é, é que Deus o permite, e o permite

para reanimar nossas esperanças vacilantes, e nos reconduzir ao caminho do bem pela perspectiva do futuro que nos espera. (KARDEC, 1993a, p. 85-86, grifo nosso).

Tendo o Espiritismo por missão o esclarecimento sobre o pós-morte, futuro de todos nós, esse fato o liga, inevitavelmente, ao aspecto religioso; tanto é que o próprio Kardec completa: "O Espiritismo é, pois, o mais poderoso auxiliar da religião".

De resto, senhor Abade, minha intenção não é fazer aqui um curso de Espiritismo, nem discutir-lhe o erro nem a verdade. Ser-me-ia preciso, como disse sempre, lembrar os inumeráveis fatos que citei na *Revista Espírita*, assim como as explicações que lhes dei em meus escritos. Chego, pois, à parte de vosso artigo que me parece a mais grave. **Intitulastes vosso artigo: Uma religião nova em Paris.** Supondo que tal fosse, com efeito, o caráter do Espiritismo, haveria aí um primeiro erro, tendo em vista que está longe de se circunscrever a Paris. Ele conta vários milhões de adeptos, espalhados nas cinco partes do mundo, e Paris não lhe foi o foco primitivo. Em segundo lugar, **é uma religião? Tratarei de mostrar o contrário.**

O Espiritismo funda-se sobre a existência de um mundo invisível, formado por seres incorpóreos que povoam o espaço, e que não são outros senão as almas daqueles que viveram na Terra, ou em outros globos, onde deixaram seu envoltório material. São esses seres aos quais demos, ou melhor, que se deram o nome de *Espíritos*. Esses seres, que nos rodeiam sem cessar, exercem sobre os homens, com o seu desconhecimento, uma grande influência; eles desempenham um papel muito ativo no mundo moral, e, até um certo ponto, no mundo físico. O Espiritismo está, pois, na natureza, e pode-se dizer que, em uma certa ordem de ideias, é uma força, como a eletricidade é uma outra sob outro ponto de vista, como a gravidade universal é uma outra.

Ele nos revelou o mundo dos invisíveis, como um microscópio nos revelou o mundo dos infinitamente pequenos, que não supúnhamos. Os fenômenos, dos quais esse mundo invisível é a fonte, deveram se produzir, e são produzidos, em todos os tempos, eis porque a história de todos os povos os menciona. Unicamente, em sua ignorância, os homens atribuíram esses fenômenos a causas mais ou menos hipotéticas, e deram, sob esse aspecto, um livre curso à sua imaginação, como fizeram com todos os fenômenos, cuja natureza lhes era imperfeitamente conhecida. O Espiritismo, melhor observado depois que foi vulgarizado, vem lançar a luz sobre uma multidão de questões até aqui insolúveis ou mal resolvidas. **Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma ciência e não de uma religião, e a prova disso é que conta, entre seus adeptos, com homens de todas as crenças, e que por isso não renunciaram às suas convicções: os católicos fervorosos que não praticam menos todos os deveres de seu culto, protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e até budistas e brâmanes;** há de tudo, exceto materialistas e ateus, porque essas ideias são incompatíveis com as *observações* espíritas. O Espiritismo repousa, pois, sobre princípios gerais independentes de todas as questões dogmáticas. **Ele tem, é verdade, consequências morais como todas as ciências filosóficas; essas consequências estão no sentimento do Cristianismo,** porque o Cristianismo, de todas as doutrinas, é a mais clara, a mais pura, e é por esta razão que, de todas as seitas religiosas do mundo, os cristãos são os mais aptos a compreendê-lo em sua verdadeira essência. **O Espiritismo não é, pois, uma religião: de outro modo teria seu culto, seus templos, seus ministros.** Cada um, sem dúvida, pode se fazer uma religião de suas opiniões, interpretar ao seu gosto as religiões conhecidas, **mas daí à constituição de uma nova Igreja, há distância, e creio que seria imprudente dar-lhe a ideia.** Em resumo, o Espiritismo se ocupa com a observação dos fatos, e não com as particularidades de tal ou tal crença, da procura das causas, de explicações que esses fatos podem dar de fenômenos conhecidos, na

ordem piorai como na ordem física, e não impõe mais um culto aos seus adeptos do que a astronomia impõe o culto dos astros, nem a pirotécnica o do fogo. Bem mais: do mesmo modo que o sabeísmo nasceu da astronomia mal compreendida, o Espiritismo, mal compreendido na antiguidade, foi a fonte do politeísmo. Hoje que, graças às luzes do Cristianismo, podemos julgá-lo mais sadiamente, nos põe em guarda contra os sistemas errôneos, frutos da ignorância; e a própria religião pode nele haurir a prova palpável de muitas verdades contestadas por certas opiniões; eis porque, **contrariamente à maioria das ciências filosóficas, um dos seus efeitos é o de conduzir às ideias religiosas aqueles que se desviaram por um ceticismo exagerado.** (KARDEC, 1993a, p. 135-136, grifo nosso).

Talvez esse seja o texto bem ao gosto dos contrários à ideia do Espiritismo ser uma religião; entretanto, nele encontramos duas coisas novas. A primeira é que, insistindo no ponto de que o Espiritismo é uma ciência, Kardec esclarece a que está se referindo, que não é outra coisa senão uma ciência filosófica, no seu sentido de moral religiosa. Aqui é provável que se encontre o "X" da questão. Ora, todos os que querem ver o Espiritismo apenas como ciência, não o levam para o lado religioso; o querem como sendo o que ordinariamente se denomina de ciência. O curioso disso é que, fora do nosso meio, ninguém, e nem mesmo uma só instituição, o reconhece como ciência, coisa que já não acontece quanto ao fato de tê-lo como religião; não é mesmo? A segunda, a qual reputamos de suma importância, é que fica claro por qual motivo Kardec não considerava o Espiritismo como religião; pelo simples fato de, para ele, para ser uma religião haveria de ter culto, templos e

ministros, seguindo o conceito que se fazia de religião; e como o Espiritismo não tinha nada disso, ele se viu na contingência de declarar que não era. Entretanto, como veremos mais à frente, há cerca de cinco meses antes de sua morte, declarou em alto e bom som que “no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião e disto nos glorificamos”.

O Espiritismo, como eu disse, está fora de todas as crenças dogmáticas, com as quais não se preocupa; **não o consideramos senão como uma ciência filosófica,** que nos explica uma multidão de coisas que não compreendemos, e, por isso mesmo, em lugar de abafar em nós as ideias religiosas, como certas filosofias, **fá-las nascer naqueles em que elas não existem;** mas se quereis, por toda a força, elevá-lo à categoria de uma religião, vós mesmos o empurrais para um caminho novo. [...]. (KARDEC, 1993a, p. 191-192, grifo nosso).

O texto acima é um trecho da resposta de Kardec ao abade François Chesnel, que sempre se esforçava em provar que o Espiritismo não era senão uma religião nova. O Sr. abade fazia de tudo para colocá-lo como uma nova religião e Kardec, por sua vez, não querendo que fosse, dizia-o ser uma ciência filosófica. A razão disso é que se o tivesse como religião, o que era contrário ao que se pensava ser uma religião, seria apenas mais uma, conforme explicará no seu discurso perante a Sociedade Espírita de Paris, em novembro de 1868, cujo teor veremos mais à frente.

[...] O Espiritismo tem sobretudo progredido depois que foi melhor compreendido em sua essência íntima, depois que se viu a sua importância, porque ele toca a corda mais sensível do homem: a da sua felicidade, mesmo

neste mundo; aí está a causa de sua propagação, o segredo da força que o fará triunfar. Vós todos que o atacais, quereis, pois, um meio certo de combatê-lo com sucesso? Vou vo-lo indicar. Substitui-o por uma coisa melhor; encontrais uma solução MAIS LÓGICA para todas as questões que ele resolve; dai ao homem uma OUTRA CERTEZA que o torne mais feliz, e compreendi bem a importância dessa palavra *certeza*, porque o homem não aceita como *certo* o que não lhe pareça *lógico*; não vos contenteis em não dizer que isso não é, o que é muito fácil; provai, não por uma negação, mas por fatos, que isso não é, jamais foi e NÃO PODE SER; **provai, enfim, que as consequências do Espiritismo não são as de tornar os homens melhores pela prática da mais pura moral evangélica, moral que se louva muito, mas que se pratica tão pouco.** Quando tiverdes feito isso, serei o primeiro a me inclinar diante de vós. Até lá, permiti-me considerar vossas doutrinas, que são a negação de todo futuro, como a fonte do egoísmo, verme roedor da sociedade, e, por consequência, como um verdadeiro flagelo. Sim, **o Espiritismo é forte, mais forte que vós, porque se apoia sobre as próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras baseadas no bem e no mal que se fez,** vós vos apoiáis sobre a incredulidade; ele convida os homens à felicidade, à esperança, à verdadeira fraternidade; vós, vós lhes oferecis o NADA por perspectiva e o EGOÍSMO por consolação; ele explica tudo, vós não explicais nada; ele prova pelos fatos, e vós não provais nada; como quereis que se oscile entre as duas doutrinas? (KARDEC, 2000a, p. 4-5, grifo nosso).

Pode-se observar que Kardec sempre considera o Espiritismo como um instrumento que torna os homens melhores pela prática da mais pura moral evangélica, simplesmente pelo fato dele se apoiar nas próprias bases da religião.

[...] Se não tivéssemos indicado a fonte de

nossa citação, certamente se crera saída textualmente da boca de um Espiritualista americano a **propósito da Doutrina dos Espíritos, igualmente representada pelo cristianismo, do qual é a mais sublime expressão**. [...]. (KARDEC, 2000a, p. 157-158, grifo nosso).

Relação direta do Espiritismo como sendo a mais sublime expressão do cristianismo, que não tem outro sentido senão o religioso.

Kardec, usando o sugestivo título de “Concordância Espírita e Cristã”, transcreve uma carta recebida do médico Dr. Grand-Boulogne, antigo vice-cônsul da França, sobre a qual tece os seguintes comentários:

Esta carta não tem necessidade de comentários, e cada um apreciará a alta importância dos princípios que nela são formulados de um modo, ao mesmo tempo, tão simples e tão claro. São aqueles do verdadeiro Espiritismo, aqueles que, todavia, ousam pôr em ridículo os homens que pretendem o privilégio da razão e do bom senso, porque não sabem se têm uma alma, e não fazem diferença entre o seu futuro e o de uma máquina. A isso não juntaremos senão uma observação, é que **o Espiritismo, bem compreendido, é a salvaguarda das ideias verdadeiramente religiosas que se apagam**; que, contribuindo para a melhoria dos indivíduos, levará, pela força das coisas, à melhoria das massas, e que não está longe o tempo em que os homens compreenderão que encontrarão nesta Doutrina o mais fecundo elemento da ordem, do bem-estar e da prosperidade dos povos, e isso por uma razão bem simples, é que ele mata o materialismo, que desenvolve e mantém o egoísmo, fonte perpétua das leis sociais, e lhe dá uma razão de ser; uma sociedade cujos membros fossem guiados pelo amor ao próximo, que inscrevesse a caridade em todos os seus códigos, seria feliz e logo veria se

extinguirem os ódios e as discórdias; o Espiritismo pode cumprir esse prodígio, e o cumprirá a despeito daqueles que ainda escarnecem dele; porque os escarnecedores passarão, e o Espiritismo ficará. (KARDEC, 2000a, p. 232-235, grifo nosso).

Se o Espiritismo “bem compreendido” é a salvaguarda das ideias verdadeiramente religiosas, seria o caso de procurarmos entendê-lo mais, a fim de nos tornarmos verdadeiros cristãos.

Da resposta de Kardec ao redator da *Gazette de Lyon*, destacamos:

Chamam-se ESPÍRITAS, dizeis, *certos alucinados que romperam com TODAS as crenças religiosas de sua época e de seu país. Sabeis, Senhor, que esta acusação é muito grave, e tanto mais grave que é, ao mesmo tempo, falsa e caluniosa? O Espiritismo está inteiramente fundado sobre o princípio da existência da alma, sua sobrevivência ao corpo, sua individualidade depois da morte, sua imortalidade, as penas e as recompensas futuras. Ele não sanciona estas verdades somente pela teoria, sua essência é de dar-lhes provas patentes; eis porque tantas pessoas, que não criam em nada, foram conduzidas para as ideias religiosas. Toda a sua moral não é senão o desenvolvimento destas máximas do Cristo: Praticar a caridade, restituir o bem para o mal, ser indulgente com seu próximo, perdoar aos inimigos, em uma palavra, agir para com os outros como gostaríamos que eles agissem para conosco.* Achais, pois, estas ideias muito estúpidas? Romperam com toda a crença religiosa aqueles que se apoiam sobre as próprias bases da religião? Não, direis, mas basta ser católico para ter estas ideias; tê-las, seja; mas praticá-las é outra coisa, ao que parece. É bem evangélico a vós, católico, insultar bravas pessoas que não vos fizeram mal. Que não conheceis e que tiveram bastante confiança em vós, para vos receber

entre elas? Admitamos que estejam no erro; será prodigalizando-lhes injúria, irritando-as que as conduzireis? (KARDEC, 2000a, p. 293-294, grifo nosso).

Aqui, ele volta a correlacionar a moral do Espiritismo com o desenvolvimento das máximas do Cristo; portanto, algo de cunho estritamente religioso.

E do discurso de Kardec aos lioneses, em 19 de setembro de 1860, destacamos;

[...] Por toda a parte, não encontrei senão Espíritas sinceros, compreendendo a doutrina sob o seu verdadeiro ponto de vista. Há, Senhores, **três categorias de adeptos**: uns que se limitam a crer na realidade das manifestações, e que procuram, antes de tudo, os fenômenos; o Espiritismo é simplesmente para eles uma série de fatos mais ou menos interessantes.

Os segundos nele veem outra coisa além dos fatos; lhe compreendem a importância filosófica; admitem a moral que dele decorre, mas não a praticam: para eles a caridade cristã é uma bela máxima, mas eis tudo.

Os terceiros, enfim, não se contentam em admirar a moral: a praticam e lhe aceitam todas as consequências. Bem convencidos de que a existência terrestre é uma prova passageira, tratam de aproveitar os seus curtos instantes para marchar no caminho do progresso que os Espíritos lhes traçam, e, se esforçando por fazer o bem e reprimir os seus maus pendores; suas relações são sempre seguras, porque as suas convicções os distanciam de todo pensamento do mal; a caridade é, em toda coisa, a regra de sua conduta, **estes são os verdadeiros Espíritas, ou melhor, os Espíritas cristãos.**

[...].

Falei ainda há pouco das divergências que podem surgir, e disse que elas não deveriam trazer obstáculos ao perfeito entendimento dos

diferentes centros; com efeito, estas divergências não podem cair senão sobre pontos de detalhe e não sobre o fundo; **o objetivo é o mesmo: a melhora moral; o meio é o mesmo: o ensinamento dado pelos Espíritos.** [...] (KARDEC, 2000a, p. 300-302, grifo nosso).

Ao citar as três categorias de adeptos do Espiritismo Kardec não deixa de considerar os verdadeiros Espíritas como sendo, na verdade, os autênticos cristãos, justamente aqueles que praticam a moral que emana dos ensinamentos dos Espíritos, que nada mais é que aquela pregada por Cristo.

Sobre a publicação da brochura *Carta de um católico sobre o Espiritismo*, do Dr. Grand, antigo vice-cônsul da França, Kardec tece alguns comentários, dos quais transcrevemos:

O autor dessa brochura se propôs provar que se pode ser, ao mesmo tempo, bom católico e fervoroso Espírita; sob este aspecto, ele prega pela palavra e pelo exemplo, porque é sinceramente uma e outro. Estabelece por fatos e por argumentos de uma rigorosa lógica, a concordância do Espiritismo com a religião, e demonstra que todos os dogmas fundamentais encontram, na Doutrina Espírita, uma explicação de natureza a satisfazer a razão mais exigente, e que a teologia em vão se esforça em dar; de onde conclui que se esses mesmos dogmas fossem ensinados dessa maneira encontrariam bem menos incrédulos e que, portanto, a religião devendo ganhar com essa aliança, um dia virá que, pela força das coisas, o Espiritismo estará na religião, ou a religião no Espiritismo.

[...] **Não tememos dizê-lo, todos os homens sinceramente religiosos, e nós entendemos por isso aqueles que o são mais pelo coração do que pelos lábios,**

reconhecerão no Espiritismo uma manifestação divina, cujo objetivo é reavivar a fé que se extingue.

Recomendamos com instância essa brochura a todos os nossos leitores, e cremos que farão uma coisa útil procurando propagá-la. (KARDEC, 2000a, p. 333-334, grifo nosso).

Muito interessante que Kardec tenha recomendado e até sugerido que se propagasse uma obra na qual se demonstra a concordância do Espiritismo com a religião. Sua afirmação de que ele é uma manifestação divina é, para nós, deveras oportuna. Vale ressaltar: "O Espiritismo estará na religião, ou a religião no Espiritismo", corroborando o seu verdadeiro caráter de religião.

Em uma mensagem intitulada *Cristianismo*, o Espírito Lamennais afirmou: "**O que é necessário observar no Espiritismo é a moral cristã.**" (KARDEC, 2000a, p. 347, grifo nosso). Com o que concordamos plenamente.

Na sessão da Sociedade Espírita de Paris, no dia 23 de novembro de 1860, o Espírito de Alfred de Musset tendo se manifestado, lhe foi dirigida uma pergunta de cuja resposta transcrevemos essa frase:

Com efeito, o Espiritismo se apoia essencialmente sobre o Cristianismo; não vem substituí-lo, completa-o e veste-o com uma roupa brilhante. (KARDEC, 2000a, p. 366, grifo nosso).

Essa fala vem corroborar tudo quando se tem dito em relação a atribuir ao Espiritismo o caráter de ser o cristianismo redivivo.

Kardec cita várias cartas recebidas de pessoas ligadas ao nascente movimento espírita, das quais extraímos:

[...] **o Espiritismo é uma das forças vivas, das quais Deus se serve para fazer a Humanidade avançar no caminho do progresso moral.** Os tempos são chegados em que as ideias morais devem se desenvolver para cumprir os progressos que estão nos desígnios de Deus [...].

Os mandamentos de Deus, dados por Moisés, trazem o germe da moral cristã a mais extensa, mas os comentários da Bíblia restringiram-lhe o sentido, porque empregados em toda a sua pureza, não seriam compreendidos então. Mas os dez mandamentos de Deus com isso não ficaram menos o frontispício brilhante, como o farol que deveria esclarecer a Humanidade no caminho que tinha a percorrer. **Foi Moisés que abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a terminará.** (KARDEC, 1993b, p. 90-92 – *passim*, grifo nosso).

P. O Espiritismo pode ser considerado como uma lei nova? – R. Não, não é uma lei nova. As interpretações que os homens deram da lei do Cristo engendraram lutas que são contrárias ao seu espírito; Deus não quer mais que uma lei de amor seja um pretexto de desordem e de lutas fratricidas. **O Espiritismo**, exprimindo-se sem ambiguidades e sem alegorias, está destinado a conduzir à unidade de crença; **é, pois, a confirmação e o esclarecimento do cristianismo**, que é e que será sempre a lei divina, aquela que deve reinar sobre a toda a Terra, e a qual vai se tornar mais fácil por esse auxiliar poderoso. (KARDEC, 1993b, p. 125, grifo nosso).

O Espiritismo é a aplicação da moral evangélica, pregada pelo Cristo em toda a sua pureza, e os homens que o condenam, sem conhecê-lo, são pouco sábios. (KARDEC, 1993b, p. 159-160, grifo nosso).

O Espiritismo é o acontecimento de uma era

que verá se realizar essa revolução nas ideias dos povos; porque o Espiritismo destruirá essas prevenções incompreendidas, esses preconceitos sem causas que acompanharam e seguiram os Judeus em sua longa e penosa peregrinação; compreender-se-á que sofreram um destino providencial, do qual foram os instrumentos, tudo como aqueles que percebiam com seu ódio o faziam compelidos pelo mesmo poder, cujos secretos desígnios devem se cumprir pelos caminhos misteriosos, ignorados. Sim, **o Espiritismo é a terceira revelação**; revela-se a uma geração de homens mais avançados, tendo mais nobres aspirações, aspirações generosas e humanitárias, que devem concorrer para a fraternidade universal. [...]. (KARDEC, 1993b, p. 288, grifo nosso).

O conteúdo dessas cartas confirma tudo quanto se está dizendo desde o início.

Numa alocução do Espírito Erasto, lemos:

Ides tomar vossas férias, senhores Sócios; permiti-me vos dirigir algumas palavras amigas antes de nos separar por algum tempo. Creio que a **doutrina consoladora** que viemos vos ensinar não conta senão com adeptos fervorosos entre vós; por isso, como é essencial que cada um se submeta à lei do progresso, creio dever vos aconselhar examinar, perante vós, que proveito retirastes pessoalmente de nossos trabalhos espíritas, e que melhoria moral disso resultou em vossos meios recíprocos. Porque, vós o sabeis, não basta dizer: Sou Espírita, e encerrar no fundo de si mesmo esta crença; mas o que vos é indispensável saber é se os vossos atos estão **conformes às prescrições de vossa fé nova que é**, não se poderia por de mais vo-lo repetir: *Amor e caridade*. Que Deus seja convosco! (KARDEC, 1993b, p. 269-270, grifo nosso).

Remete-nos à questão de fé, que, obviamente, se liga, nesse caso, à religião.

Encontram-se registrados dois discursos proferidos por Kardec; um deles aos espíritas de Lyon e o outro aos de Bordeaux, dos quais, respectivamente, destacamos:

O cristianismo, em seu nascimento, tinha que lutar contra um poder terrível: o Paganismo, então universalmente difundido; não havia entre eles nenhuma aliança possível, não mais do que entre a luz e as trevas: em uma palavra, não podia se propagar senão destruindo o que existia; também a luta foi longa e terrível; as perseguições disso são a prova. **O Espiritismo, ao contrário, nada tem a destruir, porque se assenta sobre as próprias bases do cristianismo; sobre o Evangelho, do qual não é senão a aplicação.** Concebeis a vantagem, não de sua superioridade, mas de sua posição. **Não é,** pois, assim como alguns o pretendem, sempre porque não o conhecem, **uma religião nova,** uma seita que se forma às expensas de suas irmãs mais velhas: **é uma doutrina puramente moral** que não se ocupa, de nenhum modo, dos dogmas e deixa a cada um inteira liberdade de suas crenças, uma vez que não se impõe a ninguém; e a prova disso é que tem adeptos em todas, entre os mais fervorosos católicos, como entre os protestantes, entre os judeus e os muçulmanos. [...].

A moral que ele ensina é boa ou má? É subversiva? Aí está toda a questão. Que se estude, e saber-se-á a que se agarrar. **Ora, uma vez que é a moral do Evangelho desenvolvida e aplicada, condená-la seria condenar o Evangelho.**

[...] ora, o Espiritismo, tornando claro e inteligível para todos o que não o é, evidente o que é duvidoso, conduz à aplicação; ao passo que não se sente jamais a necessidade daquilo que não se compreende; portanto, **o Espiritismo, longe de ser o antagonista da religião, dela é o auxiliar; e a prova é que reconduz às ideias religiosas aqueles que a haviam repellido.** Em resumo, jamais aconselhou mudar de religião, nem de sacrificar as suas crenças; **não pertence em particular a nenhuma religião ou, para**

dizer melhor, ele está em todas as religiões. (KARDEC, 1993b, p. 300-302, *passim*, grifo nosso).

[...] **o Espiritismo, que não é outra coisa que o desenvolvimento e a aplicação da ideia cristã**, não triunfaria de alguns zombadores ou antagonistas que, até o presente, apesar de seus esforços, não puderam lhe opor senão uma estéril negação? [...].

[...] Ela é, dizem alguns, contrária à religião. Eis a grande palavra com a qual tentam assustar os tímidos e aqueles que não a conhecem. **Como uma doutrina que torna melhor, que ensina a moral evangélica, que não prega senão a caridade, o esquecimento das ofensas, a submissão à vontade de Deus, seria contrária à religião?** Isso seria um contra-senso, afirmar que semelhante coisa seria o processo da própria religião; é por isso que digo que aqueles que falam assim não a conhecem. [...].

[...] **O mais belo lado do Espiritismo é o lado moral; será por suas consequências morais que triunfará, porque ali está sua força, porque ali é invulnerável. Ele escreveu sobre a sua bandeira: Amor e caridade**, e diante desse paládio mais poderoso do que o de Minerva, porque vem do Cristo, a própria incredulidade se inclina. O que pode se opor a uma doutrina que conduz os homens a se amarem como irmãos? Se não se admite a causa, menos se respeitará o efeito; ora, o melhor meio de provar a realidade do efeito é de aplicá-lo a si mesmo; é mostrar aos inimigos da Doutrina, pelo seu próprio exemplo, que ela torna realmente melhor; [...].

[...] assim falam os adversários do Espiritismo, porque a questão humanitária é o menor de seus cuidados. Que lhes opor? **Uma bandeira que os faça enfraquecer, porque sabem bem que leva essas palavras saídas da boca do Cristo: Amor e caridade, e que essas palavras são a sua sentença. Ao redor desta bandeira, que todos os verdadeiros Espíritas se reúnam, e serão fortes, porque a união faz a força.** [...]. (KARDEC, 1993b, p. 340-348, *passim*, grifo

nosso).

Vemos sempre Kardec relacionar o Espiritismo com o cristianismo, com os Evangelhos ou com a moral cristã, muito embora, pelos motivos que já falamos e que será novamente explicitado mais à frente, ele também não deixou de levá-lo à conta de uma ciência.

O Espiritismo é uma doutrina moral que fortalece os sentimentos religiosos em geral e se aplica a todas as religiões; ele é de todas, e não é de nenhuma em particular; é por isso que não diz a ninguém para mudá-la; deixa cada um livre para adorar a Deus à sua maneira, e observar as práticas que a sua consciência lhe dita, tendo Deus mais em conta a intenção do que o fato. Ide, pois, cada um nos templos de vosso culto, e provai com isso que o taxam de impiedade ou de calúnia. (KARDEC, 1993c, p. 38, grifo nosso).

Valem as considerações feitas ao item anterior.

Toda religião repousa, necessariamente, sobre a vida futura, e todos os dogmas convergem, forçosamente, para esse objetivo único; é tendo em vista alcançar esse objetivo que são praticados, e a fé nesses dogmas está em razão da eficácia que se lhes supõe para ali chegar. [...].

Todas as questões morais, psicológicas e metafísicas se ligam de maneira mais ou menos direta à questão do futuro; disso resulta que desta última questão depende, de alguma forma, a racionalidade de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. **O Espiritismo vem, a seu turno, não como uma religião, mas como uma doutrina filosófica, trazer a sua teoria, apoiada sobre o fato das manifestações; não se impõe; não reclama confiança cega;** candidata-se e diz: Examinai, comparai e julgai; se encontrardes alguma coisa melhor do que a que vos dou,

tomai-a.[...].

A vida futura, como vos dissemos, é o objetivo essencial de toda doutrina moral; sem a vida futura, a moral não tem mais base. O triunfo do Espiritismo está precisamente na maneira pela qual apresenta o futuro; além das provas que dele dá, o quadro que dele faz é tão claro, tão simples, tão lógico, tão conforme à justiça e à bondade de Deus, que, involuntariamente, se diz: Sim, é bem assim que isso deve ser, foi assim que eu sonhei, e se nele não acreditei, foi porque me afirmaram que era de outro modo. [...]. (KARDEC, 1993c, p. 107-109, grifo nosso).

[...] Quereis, pois, a toda força elevar o Espiritismo à situação de uma religião! Notai bem que jamais ele teve essa pretensão; jamais se colocou como rival do Cristianismo, do qual declara ser o filho; que ele combate os seus mais cruéis inimigos: o ateísmo e o materialismo. Ainda uma vez, **é uma filosofia repousando sobre as bases fundamentais de toda religião, e sobre a moral do Cristo**; se renegasse o Cristianismo, se desmentiria, se suicidaria. São esses inimigos que o mostram como uma nova seita, que lhe dá sacerdotes e grandes sacerdotes. Gritarão tanto, e tão frequentemente, que é uma religião, que se poderia acabar por nisto crer. [...]. (KARDEC, 1993c, p. 123, grifo nosso).

Aqui já percebemos que Kardec o classifica como uma doutrina filosófica, o que, obviamente, não deixa de ser; porém, até mesmo de uma religião poderemos dizer isso, quando busca estudar o Espírito.

Por várias vezes o Codificador colocou, para conhecimento do público, mensagens recebidas dos Espíritos. Vejamos esta assinada pelo Espírito Bernardin, intitulada *O Espiritismo filosófico*, nos trechos que julgamos mais importantes:

Falamos, meus amigos, do **Espiritismo sob o ponto de vista religioso**; agora que está bem estabelecido que **não é uma religião nova, mas a consagração dessa religião universal da qual o Cristo colocou as bases**, e que hoje vem levar ao coroamento, iremos encerrar o Espiritismo sob o ponto de vista moral e filosófico.

De início, expliquemos sobre o sentido exato da palavra filosofia. **A filosofia não é uma negação das leis estabelecidas pela Divindade, da religião**. Longe disto; a filosofia é a procura do que é sábio, do que é o mais exatamente razoável; e o que é que pode ser mais sábio, mais razoável do que o amor e o reconhecimento que se deve ao seu Criador, e, conseqüentemente, o culto, qualquer que seja, que pode servir para provar-lhe este reconhecimento e este amor? **A religião, e tudo o que pode a ela levar, é, pois, uma filosofia, porque é uma sabedoria do homem que a ela se submete com alegria e docilidade**. Isto posto, vejamos o que podeis tirar do Espiritismo colocado seriamente em prática. [...].

Não esqueçais, pois, meus amigos, que **o Espiritismo, sob o ponto de vista religioso, não é senão a confirmação do cristianismo, porque o cristianismo entra inteiramente nestas palavras: Amar o Senhor acima de todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo. Sob o ponto de vista filosófico, é a linha de conduta reta e sábia que deve levar à felicidade que todos vós ambicionais: a imortalidade da alma, para chegar a um outro ponto que ninguém pode negar: Deus!** Eis, meus amigos, o que tenho a vos dizer por hoje. Em breve a continuação de nossas conversas íntimas. BERNARDIN. (KARDEC, 1993c, p. 189-192, *passim*, grifo nosso).

No caso, também o Espírito que assina a mensagem vem defender o Espiritismo como filosofia religiosa, corroborando, dessa forma, o que já foi dito a esse respeito.

Da mesma maneira, encontramos várias cartas de simpatizantes da Doutrina, como, por exemplo, essa do Sr.

Dombre que escreve a um padre católico, da qual destacamos esta parte:

A essa primeira questão: O Espiritismo é uma religião, os Espíritas dizem: Não, o Espiritismo não é uma religião, não pretende ser uma religião. O Espiritismo está fundado sobre a existência de um mundo invisível, formado de seres incorpóreos que povoam o espaço, e que não são outros senão as almas daqueles que viveram sobre a Terra ou em outros globos. Esses seres, que nos rodeiam sem cessar, exercem sobre os homens, com o seu desconhecimento, uma grande influência; desempenham um papel muito ativo no mundo moral e, até um certo ponto, no mundo físico. O Espiritismo está na Natureza, e pode-se se dizer que, numa certa ordem de coisas, é uma força como a eletricidade o é em um outro ponto de vista, como a gravidade o é num outro. O Espiritismo nos descortina o mundo invisível; não é novo; a história de todos os povos dele fazem menção. **O Espiritismo repousa sobre princípios gerais independentes de toda questão dogmática. Ele tem consequências morais, é verdade, no sentido do cristianismo, mas não tem nem culto, nem templos, nem ministros; cada um pode se fazer uma religião de suas opiniões, mas daí à constituição de uma nova Igreja, há distância; portanto, o Espiritismo não é uma nova religião.** Eis, senhor pregador, o que dizem os Espíritas dessa primeira questão. (KARDEC, 1993c, p. 264, grifo nosso).

Vê-se tranquilamente que se falava do Espiritismo no mesmo tom de Kardec, quanto à questão de não ser uma religião. Isso se deu por conta do momento histórico; aliás, não poderia mesmo ter sido diferente, pois, se fosse o contrário, já no nascedouro, o levaria à morte; conseqüentemente iria junto a inigualável Doutrina dos Espíritos, que estavam sob supervisão direta de Jesus,

conforme se pode ver nas obras da codificação.

Quanto ao público a que se dirigia, Kardec disse:

Os incrédulos e os que duvidam formam uma categoria imensamente numerosa, e quando o Espiritismo diz que não se dirige àqueles que têm uma fé qualquer e a quem essa fé basta, entende que não se impõe a ninguém e não violenta nenhuma consciência. Dirigindo-se aos incrédulos, chega a convencê-los pelos meios que lhe são próprios, pelos raciocínios que sabe ter acesso à sua razão, uma vez que os outros foram impotentes; em uma palavra, ele tem seu método com o qual obtém, todos os dias, muitos bons resultados; mas não tem doutrina secreta; não diz a uns: abri vossos ouvidos, e aos outros, fechai-os; fala a todo o mundo por seus escritos, e cada um está livre para adotar ou rejeitar a sua maneira de encarar as coisas. **Por esta maneira, faz crentes fervorosos daqueles que eram incrédulos; é tudo o que ele quer.** Àquele, pois, que diria: "Tenho minha fé e não quero mudá-la; creio na eternidade absoluta das penas, nas chamas do inferno e nos demônios; persisto mesmo em crer que é o Sol que gira porque a Bíblia o diz, e creio que minha salvação é a esse preço", o Espiritismo responde: "Guardai vossas crenças, uma vez que elas vos convém; ninguém procura vos impor outras; não me dirijo a vós, uma vez que não me quereis"; e nisto é fiel ao seu princípio de respeitar a liberdade de consciência. Se há os que creem estar em erro, são livres para olhar a luz, que brilha para todo o mundo; aqueles que creem estar na verdade são livres para afastar os olhos. (KARDEC, 2000b, p. 20, grifo nosso).

Assim, para quem tem uma fé (religião) o Espiritismo não diz para mudar e abraçá-lo; seu objetivo é buscar "as ovelhas perdidas", ou seja, os incrédulos para fazer-lhes "crentes fervorosos".

Noutra oportunidade, afirmou de forma incisiva: "[...]

está constatado que o Espiritismo é inseparável das ideias religiosas; [...]”. (KARDEC, 2000b, p. 122).

O Espírito São Luís asseverou que: “O Espiritismo é o Cristianismo da idade moderna”. (KARDEC, 2000b, p. 355).

Portanto, isso leva-nos ao aspecto religioso. Kardec falou quase que a mesma coisa:

O Espiritismo, que é o Cristianismo apropriado ao desenvolvimento da inteligência e livre dos abusos, crescerá mesmo sob a perseguição, porque ele também é uma verdade. (KARDEC, 2000c, p. 188).

Discorrendo sobre os períodos pelos quais passou o Espiritismo, disse Kardec que o primeiro, caracterizado pelas mesas girantes, foi o da *curiosidade*; o segundo, evidenciado pela publicação de *O Livro dos Espíritos*, foi o período filosófico; o terceiro, destacado pelos ataques dos detratores, chamou-o de período de luta. A partir daí, transcrevemos as suas próprias palavras:

A luta determinará uma nova fase do Espiritismo e conduzirá ao **quarto período, que será o período religioso**; depois virá o quinto, *período intermediário*, consequência natural do precedente, e que receberá mais tarde sua denominação característica. **O sexto e último período será o da renovação social**, que abrirá a era do século vinte. Nessa época, todos os obstáculos à nova ordem de coisas queridas por Deus, para transformação da Terra, terão desaparecido; a geração que se levanta, imbuída de ideias novas, será toda a sua força, e preparará o caminho daquela que **inaugurará o triunfo definitivo da união, da paz e da fraternidade entre os homens, confundidos numa mesma crença pela prática da lei**

evangélica. Assim serão verificadas as palavras do Cristo, que todas devem receber seu cumprimento, e das quais várias se cumprem nesta hora, porque os tempos preditos são chegados. Mas é em vão que, tomando a figura pela realidade, procureis os sinais no céu: estes sinais estão ao vosso lado e surgem de toda parte. (KARDEC, 2000b, p. 379, grifo nosso).

Temos a impressão que a evolução do processo de implantação do Espiritismo teve um plano diretor, para que viesse a se solidificar, pois só assim é que poderia ser a causa da renovação social, quando haverá a união, a paz e a fraternidade entre os homens, porquanto estarão “confundidos numa mesma crença pela prática da lei evangélica”. Tudo isso, a nosso ver, se evidencia a que veio o Espiritismo, que nos remete à questão religiosa.

Aí está um fato capital, senhores, e que deve ser proclamado bem alto. Não, o Espiritismo não é uma concepção individual, um produto da imaginação; não é uma teoria, um sistema inventado para a necessidade de uma causa; tem sua fonte nos fatos da própria Natureza, nos fatos positivos, que se produzem a cada instante sob nossos olhos, mas dos quais não se supunha a origem. É, pois, um resultado da observação, uma ciência, em uma palavra: **a ciência das relações do mundo visível e do mundo invisível**; ciência ainda imperfeita, mas que se completa todos os dias por novos estudos e que toma lugar, estejais disto convencidos, ao lado das ciências *positivas*. Disse *positivas*, porque toda ciência que repousa sobre os fatos é uma ciência positiva e não puramente especulativa. (KARDEC, 1993d, p. 325, grifo nosso).

Neste ponto, novamente, volta a atribuir-lhe a condição de ciência, ressaltando que se trata de uma ciência positiva, fruto de observação. Hoje, na verdade, nada ou

quase nada fazemos disso; aliás, acreditamos que a parte científica, a das pesquisas dos fenômenos, foi desmembrada do Espiritismo para se tornar uma Ciência independente. Estamos falando da Metapsíquica, criada por Charles Richet (1850-1935), Prêmio Nobel de Medicina em 1913, que, sem qualquer preconceito, atribuiu o seu início ao Espiritismo. Ela, a Metapsíquica, foi a precursora do que conhecemos pelo nome de Parapsicologia.

[...] É em vão que nossos adversários se esforçam em apresentá-la como malsã e imoral; é preciso provar que ela provoca, desculpa ou justifica um único ato repreensível qualquer ou que ao lado de seus ensinamentos ostensivos ela tenha segredos sob os quais a consciência pode se colocar ao abrigo. Mas como, **no Espiritismo, tudo se passa sob a luz, que ele não prega senão a moral do Evangelho**, a prática do qual tende a conduzir os homens que dela se afastam, somente uma intenção maléfica poderia imputar-lhe tendências perniciosas. [...] O cristianismo, o Evangelho à mão, não podia sair vitorioso de todas essas acusações e da luta terrível empregada contra ele; assim ocorre com **o Espiritismo que, ele também, tem por bandeira o Evangelho**. Para a sua justificação, basta lhe dizer: Vede o que ensinam, o que recomendo e o que condeno; ora, o que é que condeno? Todo ato contrário à caridade, que é a lei ensinada pelo Cristo.

[...] A fé no futuro, encontrando-se assim apoiada sobre provas materiais, torna-se inabalável, e triunfa da incredulidade. **Eis porque, quando o Espiritismo se tiver tornado a crença de todos, não haverá mais nem incrédulos, nem materialistas, nem ateus. Sua missão é a de combater a incredulidade, a dúvida, a indiferença; não se dirige, pois, àqueles que têm uma fé, e a quem essa fé basta, mas àqueles que não creem em nada, ou que duvidam. Ele não diz a ninguém para deixar a sua religião;**

respeita todas as crenças quando elas são sinceras. A liberdade de consciência, aos seus olhos, é um direito sagrado; se não a respeitasse, faltaria ao seu primeiro princípio que é a caridade. Neutro entre todos os cultos, será o laço que os reunirá sob uma mesma bandeira, a da fraternidade universal; um dia se estenderão a mão, em lugar de se lançarem anátemas.

Os fenômenos, longe de serem a parte essencial do Espiritismo, dele não é senão o acessório, um meio suscitado por Deus para vencer a incredulidade que invade a sociedade; é sobretudo na aplicação de seus princípios morais. É nisso que se reconhecem os Espíritos sinceros. Os exemplos de reforma moral provocados pelo Espiritismo são já muito numerosos para que se possa julgar os resultados que produzirá com o tempo. É preciso que a sua força moralizadora seja bem grande para triunfar dos atos inveterados pela idade, e da leviandade da juventude.

O efeito moralizador do Espiritismo tem, pois, por causa primeira os fenômenos das manifestações que deu a fé; se esses fenômenos fossem uma ilusão, assim como os incrédulos o pretendem, seria preciso bendizer uma ilusão que dá ao homem a força de vencer seus maus pendores. (KARDEC, 2000c, p. 92-93, grifo nosso).

Pregando a moral do Evangelho, o qual tem por bandeira, respeita a crença dos outros e visa combater a incredulidade, para trazer os homens ao cumprimento da vontade de Deus, coisas que, a nosso ver, não há como não serem atribuídas à questão religiosa. E se não bastasse tudo isso, Kardec completa que os fenômenos não são a sua parte essencial, mas encontra-se na aplicação de seus princípios morais. Disse, ainda, que ele "se liga por sua própria base aos princípios do Cristianismo..." (KARDEC, 2000c, p. 307).

Kardec traz aos leitores da *Revista Espírita* um artigo

publicado no jornal *La Discussion*, sobre o qual tece seus comentários. Vale a pena transcrevê-los, tanto um quanto o outro:

O ESPIRITISMO SEGUNDO OS ESPÍRITAS.

Extraído do jornal *La Discussion*.

La Discussion, jornal hebdomadário, político e financeiro, impresso em Bruxelas, não é uma dessas folhas levianas que visam à diversão do público frívolo pelo fundo e pela forma; é um jornal sério, sobretudo acreditado no mundo financeiro e que está em seu décimo-primeiro ano. Sob o título de: *O Espiritismo segundo os Espíritos*, o número de 31 de dezembro de 1865 contém o artigo seguinte:

"*Espíritos* e *Espiritismo* são duas palavras agora muito conhecidas e frequentemente empregadas, embora fossem desconhecidas há somente alguns meses. No entanto, a maioria das pessoas que se servem dessas palavras delas se perguntam o que significam exatamente, e se bem que cada um se pergunte isso, ninguém a dirige porque todos querem passar por conhecer a palavra e a charada.

"Algumas vezes no entanto, a curiosidade intriga até levar a interrogação aos lábios, e, ao vosso desejo, todos vos informam.

"Uns pretendem que o Espiritismo seja o truque do guarda-roupa dos irmãos Davenport; outros afirmam que não é outra coisa senão a magia e a bruxaria de outrora que se quer reabilitar graças a um novo nome. Segundo as idosas de todos os quarteirões, os Espíritos têm conversas misteriosas com o diabo, com o qual preliminarmente assumiram um compromisso. Enfim, se leram os jornais, ali se aprende que os Espíritos são todos loucos, ou, pelo menos, as vítimas de certos charlatães chamados *médiuns*. Esses charlatães a eles vêm, com ou sem guarda-

roupa, dar representações a quem quiser pagá-los, e, para melhor acreditar seu malabarismo, dizem operar sob a influência oculta dos Espíritos de além-túmulo.

"Eis o que aprendi nestes últimos tempos; vi o desacordo dessas respostas, resolvi, para me esclarecer, ir ver o diabo, devesse ele me levar, ou fazer-me vítima por um médium, devesse deixar-lhe minha razão. Lembrei-me, então, muito a propósito, de um amigo que supunha do espiritismo, e fui encontrá-lo, a fim de que me proporcionasse os meios de satisfazer minha curiosidade.

"Comuniquei-lhe as opiniões diferentes que tinha recolhido e lhe expus o objeto de minha visita. Mas meu amigo riu muito daquilo que chamava minha ingenuidade e deu-me mais ou menos a explicação que segue:

"O Espiritismo não é, como se crê vulgarmente, uma receita para fazer as mesas dançarem ou para executar torneios de escamoteação, e é erradamente que cada um quer nele encontrar o maravilhoso.

"O Espiritismo é uma ciência ou, dizendo melhor, uma filosofia espiritualista que ensina a moral.

"Ele não é uma religião, naquilo que não tem nem dogmas, nem culto, nem sacerdotes, nem artigos de fé; é mais do que uma filosofia, porque sua doutrina é estabelecida sobre a prova certa da imortalidade da alma: é para fornecer essa prova que os Espíritos evocam os Espíritos de além-túmulo.

"Os médiuns são dotados de uma faculdade natural que os torna próprios para servirem de intermediários aos Espíritos e produzirem com eles os fenômenos que passam por milagres ou por da prestidigitação aos olhos de quem lhes ignora a explicação. Mas a faculdade medianímica não é o privilégio exclusivo de certos indivíduos; ela é inerente à espécie humana, embora cada uma a possua em

graus diferentes, ou sob diferentes formas.

"Assim, para quem conhece o Espiritismo, todas as maravilhas das quais acusam essa doutrina não são muito simplesmente senão fenômenos de ordem física, quer dizer, efeitos cuja causa reside nas leis da Natureza.

"No entanto, os Espíritos não se comunicam aos vivos como único objetivo de provar a sua existência: são eles que ditaram e desenvolvem todos os dias a filosofia espiritualista.

"Como toda filosofia, esta tem seu sistema, que consiste na revelação das leis que regem o Universo e na solução de um grande número de problemas filosóficos diante dos quais, até aqui, a Humanidade impossibilitada foi constrangida a se inclinar.

"É assim que o Espiritismo demonstra, entre outras coisas, a natureza da alma, sua desatinação, a causa de nossa existência neste mundo; ele revela o mistério da morte; dá a razão dos vícios e das virtudes do homem; diz o que é o homem, o que é o mundo, o que é o Universo; faz, enfim, o quadro da harmonia universal, etc.

"O sistema repousa em provas lógicas e irrefutáveis que têm, elas mesmas, por árbitro de sua verdade os fatos palpáveis e a razão mais pura. Assim, em todas as teorias que expõe, age como a ciência e não avança um ponto desde que o precedente não esteja completamente certificado. Igualmente, o Espiritismo não impõe a confiança, porque não tem necessidade, para ser aceito, senão da autoridade do bom senso.

"Este sistema estabelece, nele é deduzido, como consequência imediata, um ensino moral.

"Esta moral não é outra que a moral cristã, a moral que está escrita no coração de todo ser humano, e ela é de todas as religiões e de todas as filosofias, por isto

mesmo pertence a todos os homens. Mas, livre de todo fanatismo, de toda superstição, de todo espírito de seita ou de escola, ela resplandece em toda a sua pureza.

"É a esta *pureza* que ela pede toda a sua grandeza e toda a sua beleza, de sorte que é a primeira vez que a moral nos aparece revestida de um brilho tão majestoso e tão esplêndido.

"O objeto de toda moral é de ser praticada; mas esta sobretudo tem esta condição como absoluta, porque ela chama Espíritas, não aqueles que aceitam os seus preceitos, mas somente aqueles que colocam os seus preceitos em ação.

"Direi quais são as suas doutrinas? Não pretendo ensinar aqui, e o enunciado das máximas me conduziria necessariamente a desenvolvê-las.

"Direi somente que a moral espírita nos ensina a suportar a infelicidade sem desprezá-la, a gozar da felicidade sem a ela nos prender; nos abaixa sem nos humilhar, nos eleva sem nos orgulhar; ela nos coloca acima dos interesses materiais, sem por isto marcá-los de aviltamento, porque nos ensina, ao contrário, que todas as vantagens das quais somos favorecidos são tantas f orcas que nos são confiadas e por cujo emprego somos responsáveis para com os outros e para conosco mesmos.

"Vem, então, a necessidade de especificar essa responsabilidade, as penas que são dadas à infração ao dever, e as recompensas das quais gozam aqueles que a obedeceram. Mas aí ainda, as assertivas não são tiradas senão dos fatos e podem se verificar até a perfeita convicção.

"Tal é esta filosofia, onde tudo é grande, porque tudo nela é simples; onde nada é obscuro, porque nela tudo está provado; onde tudo é simpático, porque cada questão nela interessa intimamente a cada um de nós.

"Tal é esta ciência que, projetando uma

viva luz sobre as trevas da razão, desvenda, de repente, os mistérios que acreditávamos impenetráveis, e recua ao infinito o horizonte da inteligência.

"Tal é esta Doutrina que pretende tornar felizes, melhorando-os, todos aqueles que consentem em segui-la, e que abre, enfim, à Humanidade, um caminho seguro ao progresso moral.

"Tal é, enfim, a loucura da qual os Espíritas estão atacados, e a feitiçaria que praticam.

"Assim, sorrindo, termina meu amigo, quem, a meu pedido, me deu encontro para visitarmos juntos algumas reuniões espíritas, onde as experiências se juntam ao ensinamento.

"De volta à minha casa, lembrei-me o que tinha dito, de acordo com todo o mundo, contra o Espiritismo, antes de conhecer apenas o significado desta palavra, e essa lembrança encheu-me de uma amarga confusão.

"Pensei, então, que, apesar dos desmentidos severos infligidos ao orgulho humano pelas descobertas da ciência moderna, não pensamos quase nada, nos tempos de progresso em que vivemos, em aproveitar os ensinamentos da experiência; e que estas palavras escritas por Pascal, há duzentos anos, terão ainda durante séculos uma rigorosa exatidão: 'É uma doença natural ao homem crer que possui a verdade diretamente; e daí vem que está sempre disposto a negar o que lhe é incompreensível'.

"A. BRIQUEL"

Como se vê, **o autor deste artigo quis apresentar o Espiritismo sob sua verdadeira luz**, livre das deturpações que lhe faz sofrer a crítica, ao, em uma palavra, que o admitem os Espíritas, e estamos felizes em dizer que ele venceu perfeitamente. **É impossível, com efeito, resumir a questão de maneira mais clara e mais precisa.** Devemos também felicitações à direção do jornal que, num espírito

de imparcialidade que gostaríamos de ver entre todos aqueles que fazem profissão de liberalismo, e que se colocam como apóstolos da liberdade de pensar, acolheu uma profissão de fé tão explícita. (KARDEC, 1993e, p. 33-37, grifo nosso).

O autor do artigo, a certa altura, em se referindo ao Espiritismo, assim disse: "Ele não é uma religião, naquilo que não tem nem dogmas, nem culto, nem sacerdotes, nem artigos de fé; é mais do que uma filosofia,...". Por sua vez Kardec afirma que ele apresentou o Espiritismo sob sua verdadeira luz, porquanto, era exatamente essa a ideia que o Codificador tinha dele, ao relutar em classificá-lo como uma religião, pois ele não tem dogmas, cultos, sacerdotes, etc.

Há duas partes no Espiritismo: a dos fatos materiais, e a de suas consequências morais. A primeira é necessária como prova da existência dos Espíritos, também é aquela pela qual os Espíritos começaram; a segunda, que dela decorre, é a única que pode levar à transformação da Humanidade pela melhoria individual. **A melhoria é, pois, o objetivo essencial do Espiritismo.** É para o que deve tender todo espírita sério. Tendo deduzido essas consequências segundo as instruções dos Espíritos, definimos os deveres que essa **crença** impõe; o primeiro inscrevemos sobre **a bandeira do Espiritismo: Fora da caridade não há salvação,** máxima aclamada, em seu aparecimento, como o facho do futuro, e que logo deu a volta ao mundo em se tornando a palavra de união de todos aqueles que veem no Espiritismo outra coisa do que um fato material. Por toda a parte ela foi acolhida como símbolo da fraternidade universal, como uma garantia de segurança nas relações sociais, como a aurora de uma era nova, onde devem extinguir os ódios e as dissensões. [...].

Foi, pois, de nossa autoridade particular que promulgamos esta máxima? E quando a tivéssemos feito, quem poderia achá-la má? Mas

não; **ela decorre do ensino dos Espíritos, que eles mesmos a hauriram nos do Cristo**, onde ela está escrita com todas as letras, como pedra angular do edifício cristão, mas onde restou enterrada durante dezoito séculos. [...].

Inscrevendo no frontispício do Espiritismo a suprema lei do Cristo, **abrimos o caminho para o Espiritismo cristão; fomos instituídos, pois, em desenvolver-lhe os princípios, assim como os caracteres do verdadeiro espírita sob esse ponto de vista.** (KARDEC, 1993e, p. 113-114, grifo nosso).

A própria bandeira do Espiritismo o leva a ser uma religião e não uma ciência. Os fatos são estudados segundo os critérios da ciência positiva, é fato; entretanto, o resultado disso, com as suas consequências morais, é o seu objetivo essencial. Seus princípios morais são tirados dos ensinamentos de Jesus; daí o fato de poder ser denominado de Espiritismo cristão.

O Espiritismo é uma ciência essencialmente moral; desde então, aqueles que se dizem seus adeptos não podem cometer uma inconsequência grave, subtrair-se às obrigações que ele impõe.

[...].

Ora, **o Espiritismo não é outra coisa senão a aplicação verdadeira dos princípios da moral ensinada por Jesus, porque não é senão no objetivo de fazê-la compreender a todos, a fim de que, por ela, todos progredam mais rapidamente,** que Deus permite esta universal manifestação do Espírito vindo vos explicar o que vos parecia coisa obscura e vos ensinar toda a verdade. Elevem, **como o Cristianismo bem compreendido, mostrar ao homem a absoluta necessidade de sua renovação interior** pelas próprias consequências que resultam de cada um de seus atos, de cada um de seus pensamentos; [...].

As obrigações que o Espiritismo impõe são, pois, de natureza essencialmente moral, são uma consequência da crença; cada um é juiz e parte em sua causa própria; mas as claridades intelectuais que ele leva àquele que quer, verdadeiramente, *conhecer a si mesmo* e trabalhar pela sua melhoria são tais que elas assustam os pusilânimes, e é por isso que é rejeitada por um tão grande número. [...] Se vossa vida é um belo modelo onde todos possam encontrar bons exemplos e sólidas virtudes, onde a dignidade se alia a uma graciosa amenidade, **rejubilai-vos, porque tereis, em parte, compreendido a que o Espiritismo obriga.** LOUIS DE FRANCE. (KARDEC, 1993e, p. 158-160, grifo nosso).

Nessa mensagem, o Espírito Louis de France deixa a sua opinião sobre o que o Espiritismo obriga, que vemos ser algo relacionado às questões morais, consubstanciado num cristianismo bem compreendido, que proporciona a reforma íntima de seus adeptos; portanto, ligação direta com religião.

Se o Sr. Bertram tivesse lido os livros espíritas com tanta atenção quanto o diz, saberia se os Espíritas são bastante simples para evocar o Judeu Errante ou dom Quixote; saberia o que o Espiritismo aceita e o que desaprova; não se afligiria em apresentá-lo como uma religião, porque, com o mesmo título, todas as filosofias seriam religiões, uma vez que é de sua essência discutir as próprias bases de todas as religiões: Deus, e a natureza da alma. Compreenderia, enfim, que **se jamais o Espiritismo se tornasse uma religião**, não poderia se fazer intolerante sem negar seu princípio que é a fraternidade universal, sem distinção de seita e de crença; sem abjurar sua divisa: Fora da caridade não há salvação, símbolo mais explícito de amor ao próximo, da tolerância e da liberdade de consciência. Jamais disse: "Fora do Espiritismo não há salvação." Se uma religião se encaixasse no Espiritismo, com exclusão desses princípios, não seria mais o Espiritismo.

O Espiritismo é uma doutrina filosófica que toca a todas as questões humanitárias; pelas modificações profundas que ela traz nas ideias, faz encarar as coisas de um outro ponto de vista; daí, para o futuro, inevitáveis modificações nas relações sociais; é uma mina fecunda onde as religiões, como as ciências, como as instituições civis, haurirão elementos de progresso; mas **do fato de que ela toca em certas crenças religiosas, não constitui mais um culto novo** quanto não é um sistema particular de política, de legislação ou de economia social. **Seus templos, suas cerimônias e seus sacerdotes estão na imaginação de seus detratores e daqueles que têm medo de vê-la se tornar religião.** (KARDEC, 1993e, p. 266-267, grifo nosso).

Kardec, em vários momentos, se referia ao Espiritismo como uma doutrina filosófica cuja base é o Evangelho, naquilo que podemos ter como ensinamento de Jesus. Evitava, por ainda não ser o momento apropriado, tê-lo como religião. E aqui, mais uma vez, fica claro o porque não o considerava como tal, visto não ter sacerdotes, templos, cerimônias, etc.

A questão de origem que se prende à Gênese é uma questão efervescente para todos; um livro escrito sobre esta matéria deve, em consequência, interessar a todos os espíritas sérios. Por este livro, como eu disse, o **Espiritismo entra numa nova fase**, e esta preparará os caminhos da fase que se abrirá mais tarde, porque **cada coisa deve vir a seu tempo**. Antecipar o momento propício é tão nocivo quanto deixá-lo escapar. (S. Luís). (KARDEC, 1993f, p. 57, grifo nosso)

São Luís deixa claro o que já havia dito anteriormente, quanto à questão do planejamento para a implantação do Espiritismo, dizendo que tudo deve vir no tempo certo,

visando seu fortalecimento.

Por fim, chegamos ao discurso de Kardec perante a Sociedade Espírita de Paris, a 1º de novembro de 1868; portanto, cinco meses antes de sua morte, conforme, anteriormente, algumas vezes o mencionamos. Nele o Codificador responde à pergunta título do seu discurso: **“O Espiritismo é uma religião?”**. Leiamos, então, sua posição final sobre o assunto:

Se assim é, dir-se-á, o Espiritismo é, pois, uma religião? Pois bem, sim! sem dúvida, Senhores; no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e disto nos glorificamos, porque é a doutrina que fundamenta os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre as bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza.

Por que, pois, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Pela razão de que não há senão uma palavra para expressar duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; que ela desperta exclusivamente uma ideia de forma, e que o Espiritismo não a tem. Se o Espiritismo se dissesse religião, o público não veria nele senão uma nova edição, uma variante, querendo-se, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com um cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das ideias de misticismo, e dos abusos contra os quais a opinião frequentemente é levantada.

O Espiritismo, não tendo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não se poderia, nem deveria se ornar de um título sobre o valor do qual, inevitavelmente, seria desprezado; eis porque ele se diz simplesmente: doutrina filosófica e moral.

As reuniões espíritas podem, pois, ser mantidas religiosamente, quer dizer, com recolhimento e o respeito que comporta a

natureza séria dos assuntos dos quais ela se ocupa; pode-se mesmo ali dizer, se for possível, as preces que, em lugar de serem ditas em particular, são ditas em comum, sem ser por isto que se entendam por assembleias religiosas. Que não se creia que esteja aí um jogo de palavras; a nuança é perfeitamente clara, e a aparente confusão não vem senão da falta de uma palavra para cada ideia.

Qual é, pois, o laço que deve existir entre os Espíritas? Eles não são unidos entre si por nenhum contrato material, por nenhuma prática obrigatória; qual é o sentimento no qual devem se confundir todos os pensamentos? É um sentimento todo moral, todo espiritual, todo humanitário: o da caridade para todos, de outro modo dito: o amor do próximo que compreende os vivos e os mortos, uma vez que sabemos que os mortos sempre fazem parte da Humanidade.

A caridade é a alma do Espiritismo: ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes; é porque pode se dizer que não há verdadeiro Espírita sem caridade.

Mas a caridade é ainda uma dessas palavras de sentido múltiplo, da qual é necessário bem compreender toda a importância; e se os Espíritos não cessam de pregá-la e de defini-la, é que, provavelmente, reconhecem que isto é ainda necessário.

O campo da caridade é muito vasto; ele compreende duas grandes divisões que, por falta de termos especiais, podem designar-se pelas palavras: *Caridade beneficente e caridade benevolente*. Compreende-se facilmente a primeira, que é naturalmente proporcional aos recursos materiais dos quais se dispõe; mas a segunda está ao alcance de todo o mundo, do mais pobre como do mais rico. Se a beneficência é forçosamente limitada, nenhuma outra senão a vontade pode pôr limites à benevolência.

O que é preciso, pois, para praticar a caridade benevolente? Amar seu próximo como a si mesmo: ora, amando-se ao seu próximo quanto a si mesmo, se o amará muito; se agirá para com

outrem como se gosta que os outros ajam para conosco, não se desejará nem se fará mal a ninguém, porque não gostaríamos que no-lo fizessem.

Amar seu próximo é, pois, abjurar todo sentimento de ódio, de animosidade, de rancor, de inveja, de ciúme, de vingança, em uma palavra, todo desejo e todo pensamento de prejudicar; é perdoar os seus inimigos e restituir o bem onde haja o mal; é ser indulgente para com as imperfeições de seus semelhantes e não procurar a palha no olho de seu vizinho, então que não se vê a trave que está no seu; é ocultar ou desculpar as faltas de outrem, em lugar de se comprazer em pô-las em relevo pelo espírito de denegrir; é ainda não se fazer valer às custas dos outros; de não procurar esmagar ninguém sob o peso de sua superioridade; de não desprezar ninguém por orgulho. Eis a verdadeira caridade benevolente, a caridade prática, sem a qual a caridade é uma palavra vã; **é caridade do verdadeiro Espírita como do verdadeiro cristão**; aquela sem a qual aquele que diz: Fora da caridade não há salvação, pronuncia a sua própria condenação, neste mundo tão bem quanto no outro. (KARDEC, 1993f, p. 359-360) (grifo nosso).

Para nós, aqui está o porquê de Kardec ter feito de tudo para não dizer, no início, que era uma religião, porquanto, o Espiritismo, certamente, não vingaria, dado aos ataques ainda mais virulentos que receberia no seu nascedouro. Presumimos como um detalhe importante o fato de Kardec não querer partir para o plano espiritual sem que isso ficasse bem claro, motivo pelo qual escolheu essa data significativa e bem próxima à sua partida, que sabia estar iminente, para defini-lo corretamente. E aqui ele foi claro: “no sentido filosófico o Espiritismo é uma religião, e disto nos glorificamos”, afirmativa que prevalece sob todos os outros pontos de vista emanadas dos adeptos que não o querem

como tal.

Crer em um Deus todo-poderoso, soberanamente justo e bom; crer na alma e em sua imortalidade; na preexistência da alma como única justificativa do presente; na pluralidade das existências como meio de expiação, de reparação e de adiantamento intelectual e moral; na perfectibilidade dos seres mais imperfeitos; na felicidade crescente na perfeição; na equitativa remuneração do bem e do mal, segundo o princípio: a cada um segundo as suas obras; na igualdade da justiça para todos, sem exceções, favores nem privilégios para nenhuma criatura; na duração da expiação limitada à da imperfeição; no livre arbítrio do homem, que lhe deixa sempre a escolha entre o bem e o mal; crer na continuidade das relações entre o mundo visível e o mundo invisível, na solidariedade que religa todos os seres passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados, considerar a vida terrestre como transitória e uma das fases da vida do Espírito, que é eterno; aceitar corajosamente as provações, tendo em vista o futuro mais invejável do que o presente; praticar a caridade em pensamentos, em palavras e em ações na mais ampla acepção da palavra; se esforçar cada dia para ser melhor do que na véspera, extirpando alguma imperfeição de sua alma; submeter todas as suas crenças ao controle do livre exame e da razão, e nada aceitar pela fé cega; respeitar todas as crenças sinceras, por irracionais que nos pareçam, e não violentar a consciência de ninguém; ver, enfim, nas diferentes descobertas da ciência a revelação das leis da Natureza, que são as leis de Deus: **eis o Credo, a religião do Espiritismo, religião que pode se conciliar com todos os cultos, quer dizer, com todas as maneiras de adorar a Deus.** É o laço que deve unir todos os Espíritos em uma santa comunhão de pensamentos, à espera que una todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal.

Com a fraternidade, filha da caridade, os homens viverão em paz, se poupando os males inumeráveis que nascem da discórdia, filha, a seu

turno, do orgulho, do egoísmo, da ambição, do ciúme e de todas as imperfeições da Humanidade. (KARDEC, 1993f, p. 361-362, grifo nosso).

Contra-pondo-se ao credo católico, Kardec sugere o credo do Espírita; certamente, coisa de religião. Um pouco mais à frente, disse:

O Espiritismo não reconhece por seus adeptos senão aqueles que colocam em prática os seus ensinamentos, quer dizer, que trabalham pela sua própria melhoria moral, porque é o sinal característico do verdadeiro Espírita. (KARDEC, 2001b, p. 16).

E, até onde podemos entender, “trabalhar pela própria melhoria moral”, nada tem a ver com ciência; porém, tudo com religião.

Finalizamos aqui a pesquisa nas obras da codificação. Vamos ver, na sequência, se somente nós é que pensamos dessa forma.

Escritores espíritas que apoiam essa ideia

Obviamente que terá aqueles que são contrários a essa ideia, cabendo aos que não comungam com ela citar a suas fontes; nós, por questão de coerência, só relacionaremos os que pensam igualmente a nós.

Manoel de O. Portasio Filho:

O Espiritismo sendo religião, difere de todas as crenças na forma como se reporta à divindade e aos temas religiosos: sem formalismos, sem rituais, sem cerimônias, sem sacramentos, sem idolatria, **a Doutrina Espírita é religião em espírito e verdade**. (PORTASIO FILHO, 2000, p. 55, grifo nosso).

José Herculano Pires:

O problema da religião no Espiritismo tem provocado discussões e controvérsias infundáveis, porque **essa doutrina não se apresenta como religião no sentido comum do termo**. Allan Kardec, discípulo de Pestalozzi, adotava a posição de seu mestre no tocante à classificação das religiões. Pestalozzi admitia a existência de três tipos de religião: a animal ou primitiva, a social e a espiritual. Mas recusava-se a chamar esta última de religião, dando-lhe a designação de moralidade. Isso porque a religião superior ou espiritual, segundo ele, só era professada individualmente pela criatura que superava o *ser social* e desenvolvia em si o *ser moral*. Kardec recusou-se a falar em Religião Espírita, sustentando que o Espiritismo é doutrina científica e filosófica, de consequências morais. Mas deu a essas consequências enorme importância ao considerar o Espiritismo como desenvolvimento histórico do Cristianismo, destinado a restabelecer a verdade dos princípios cristãos, deformados pelo processo natural de sincretismo-religioso que

originou as igrejas cristãs.

Essa posição espírita manteve a doutrina e o movimento doutrinário em posição marginal no campo religioso. Para os espíritas, entretanto, a posição da doutrina não é marginal, mas superior, pois **o Espiritismo representaria o cumprimento da profecia evangélica da Religião em espírito e verdade**, que se desenvolveria sob a égide do próprio Cristo. **A religião espírita não se organizou em forma de igreja**, não admite sacramentos nem admitiu nenhuma forma de autoridade religiosa de tipo sacerdotal, Não há batismo, nem casamento religioso no Espiritismo, nem confissões ou indulgências. Todos esses formalismos são considerados como de origem pagã e judaica. Entende-se o batismo como rito de iniciação, que Jesus substituiu pelo *batismo do espírito*, sendo este considerado como a iniciação no conhecimento doutrinário, feita naturalmente pelo estudo da doutrina, sem nenhum ato ritual. Admite-se também que o *batismo do espírito*, segundo o texto do *Livro de Atos dos Apóstolos* sobre a visita de Pedro à casa do centurião Cornélius, no porto de Jope, pode completar-se, nos médiuns, quando se verifica espontaneamente, com o desenvolvimento da mediunidade.

Essa posição espírita no campo religioso causou numerosas dificuldades aos espíritas no tocante às relações de instituições doutrinárias com os poderes oficiais, particularmente para a declaração de religião em documentos oficiais, para o resguardo dos direitos escolares em face do ensino religioso, para a declaração de religião nos recenseamentos da população, até que medidas oficiais reconheceram esses direitos.

Em compensação, o Espiritismo ficou livre das consequências da crise religiosa, que não o atingiram. Demonstrarei nos capítulos seguintes a posição da **Religião Espírita** em face dessa crise, que é evidentemente uma posição de vanguarda. Sua contribuição para a racionalização dos princípios religiosos, para a reintegração da Religião no plano cultural, particularmente no tocante aos problemas científicos da atualidade, é realmente substancial. No campo filosófico a

posição espírita é também vanguardeira, pois desde o século passado sua filosofia se apresenta como *livre dos prejuízos do espírito de sistema*, conservando-se aberta a todas as renovações que decorrem de descobertas cientificamente comprovadas. Livre da dogmática religiosa e da sistemática filosófica, apoiada inteiramente na pesquisa científica, a doutrina está de fato a cavaleiro nas crises da atualidade. (PIRES, 2000, p. 28-30, grifo nosso).

Kardec sabia o que fazia, quando evitava a confusão do Espiritismo com as religiões dogmáticas e formalistas, sem entretanto negar ao Espiritismo o seu aspecto religioso.

Teve mesmo o cuidado de não cortar em excesso as ligações da doutrina com a tradição religiosa, pois sabia que a evolução não pode sofrer, sem graves perigos de solução de continuidade. O princípio espírita do encadeamento de todas as coisas no Universo estava presente em sua mente. Poucas obras revelam uma compreensão tão clara e profunda da natureza orgânica do Universo, como a Codificação. É por isso, e não por sectarismo ou fanatismo, que não podemos fazer concessões ao passado no campo das atividades doutrinárias. Avançamos para um novo mundo que só o Espiritismo pode modelar, pois só ele revela condições para isso em sua estrutura doutrinária. **Mas se não procurarmos compreendê-lo em toda a sua grandeza, é certo que o reduziremos a uma seita fanática de crentes obscurantistas.** Evitemos essa queda no passado, para nós mesmos e para o mundo. Tenhamos a coragem de avançar sem muletas e sem temor para a Civilização do Espírito. (PIRES, 2000, p. 113, grifo nosso).

Ante essa abertura do mundo, que o Espiritismo apresentou-nos muito antes da evolução da Física, o espírita é obrigado a sair da sacristia e fugir dos velórios para proclamar a continuidade da vida em todas as dimensões da realidade cósmica. Seria estranho e inexplicável se os espíritas, possuindo essa visão nova do mundo e da vida, resolvesse voltar aos terreiros de macumba. As religiões primitivas são formas superadas de interpretação do mundo. Serviram

no seu tempo, conviviam com os bichos e não com as ideias. **A religião verdadeira, segundo Pestalozzi, mestre de Kardec, é a Moralidade.** Não a moral social de regras e normas, mas a Moralidade, como processo de elevação espiritual do homem. Para evitar o religiosismo comum e banal Kardec explicou que a Ciência e a Filosofia Espíritas tinham consequências morais. **Só no final de sua missão declarou que o Espiritismo é a Religião em Espírito e Verdade, anunciada pelo Cristo.** Essa Religião Verdadeira não está nos templos, nas Igrejas, mas no coração do homem, na forma de uma lei fundamental da natureza humana – a Lei de Adoração, que leva o homem a adorar a Deus no recesso de si mesmo, sem alardes nem fantasias. (PIRES, 1988, p. 124, grifo nosso).

Dora Incontri:

E, no campo religioso, a problemática não se mostra menos complexa. Primeiro, há a questão: é o espiritismo uma religião? (Vê-se que, por incrível que pareça, essa é uma doutrina que se pretende ser tríplice, mas os cientistas não a aceitam como ciência, os filósofos não a veem como filosofia e os religiosos não a reconhecem como religião! É justo perguntar então o que é o espiritismo. Um nada? Uma virtualidade?)

É que, propondo uma nova forma de pesquisar o espírito, de refletir sobre os problemas essenciais da existência e de praticar um *religare* a Deus, é natural que haja incompatibilidade e perplexidades.

Trata-se, sim, de uma religião; não no sentido tradicional do termo, com hierarquias, rituais, dogmas, mas um conceito e uma prática que vinham sendo desenvolvidos por Rousseau e Pestalozzi, este mestre de Kardec e discípulo de Rousseau: a religião natural, universal, da consciência humana, da ligação direta do homem com Deus, da moralidade praticada sem necessidade de imposições externas e controles institucionais.

E, se estamos no campo religioso, outra

resistência por parte dos cristãos (católicos, protestantes, ortodoxos) é a de não aceitar o espiritismo como cristão, porque não adota alguns dogmas que as igrejas consideram basilares do cristianismo, entre eles, a Santíssima Trindade, as doutrinas do pecado original e da graça e o reconhecimento de Jesus como Salvador que veio regatar com seu sangue a queda de Adão. Evolucionista, reencarnacionista e entendendo Jesus como um espírito perfeito, não como o próprio Deus, o espiritismo parece uma negação de tudo o que os cristãos acreditam... (INCONTRI, 2003, p.14, grifo nosso)

Sérgio F. Aleixo:

Geralmente, quando se ouve falar em doutrina espírita, se pensa tão só numa religião. Mas, afinal, o que é religião? Registra o Dicionário Aurélio:

(...) crença na existência de uma força ou forças sobrenaturais considerada (s) como criadora (s) do Universo, e que como tal deve (m) ser adorada (s) e obedecida (s); (...) A manifestação de tal crença por meio de doutrinas e ritual próprios, que envolvem, em geral, preceitos éticos.

A doutrina espírita ensina que há uma força criadora do universo, e que, sim, ela deve ser adorada e obedecida. Admite mesmo a sobrenaturalidade dessa força, na medida em que é transcendente à natureza, da qual é autora. Entretanto, aprofundando a reflexão teológica, o problema de o espiritismo ser ou não considerado religião não está no fato de ele admitir a transcendência da força criadora, e sim na consideração em que tem a imanência dessa força, ou seja, na visão do espiritismo sobre a participação de Deus na vida universal.

Ao contrário da maior parte das religiões tradicionais, a doutrina espírita não vincula a transcendência do Criador a fenômenos que seriam derivações das leis naturais: os milagres. As leis da natureza representam, em si mesmas, a imanência divina. Assim, a participação de Deus em sua obra nunca demandaria suspensão das

leis por ele mesmo estabelecidas, sob pena de contradição.

Em suma, para o espiritismo, Deus é Deus por manter o natural, não por promover o sobrenatural. Segundo Kardec: "Deus prova a sua grandeza e o seu poder pela imutabilidade das suas leis e não pela ab-rogação delas". (A *Gênese*. Frontispício). De acordo com essa concepção, afirmou o codificador que "a espiritualidade e a materialidade são duas partes de um mesmo todo, tão natural uma como a outra, não sendo, pois, a primeira uma exceção, uma anomalia na ordem das coisas" (A *Gênese*. XIII: 4). E assegurou que "o de que necessitam as religiões não é do sobrenatural, mas do princípio espiritual, que erradamente costumam confundir com o maravilhoso e sem o qual não há religião possível" (A *Gênese*. XIII: 18).

Se nos reportarmos àquela segunda definição dicionária, manifestação da crença numa força criadora mediante doutrina que envolve princípios éticos, novamente não teremos problemas em definir o espiritismo como religião. Além, todavia, de uma ética doutrinária, a religião tem ainda rituais... A doutrina espírita, contudo, não prescreve ritos de quaisquer espécies. Simplesmente não existem cerimônias nem sacramentos. Não há sequer sacerdócio. Qualquer pessoa que, estudando-a com perseverança, venha a compreendê-la bem, pode ensiná-la como tal, desde que gratuitamente.

Assim, ainda que diferenciada, não se pode negar que o espiritismo seja uma religião. Entretanto, é indispensável sabermos que **a doutrina espírita não nasceu como religião. Ele atingiu essa condição mediante rigoroso processo de construção de conhecimento, fundamentado numa criteriosa pesquisa experimental e trespassado por aguda criticidade filosófica.** Estabelecer paralelos ingênuos entre o espiritismo e outras religiões é, portanto, mentir à sua origem e desvirtuar sua finalidade providencial. (ALEIXO, 2003, p. 23-25, grifo nosso).

Hermínio C. Miranda:

Por tudo isso, podemos observar que o mais importante aspecto da missão do Espiritismo, a sua mais extraordinária façanha intelectual está em haver conciliado razão e fé, ao propor uma teoria do conhecimento religioso não apenas apoiada em fatos observados e observáveis, mas perfeitamente racional.

Afinal de contas, qual o sentido último da realidade espiritual que o Espiritismo demonstra? Somente o de que o ser humano é espírito sobrevivente e reencarnante? Disso já sabiam remotas religiões desaparecidas. Será que somos espíritos somente até essa fronteira e nada mais nos interessa daí em diante?

Após um trabalho primoroso de racionalização do conceito religioso, de conversão da fé em convicção é, no mínimo, estranho entender que o Espiritismo não é religião e nada tem a ver com religião.

A religião não se descaracteriza porque se racionalizou, ela simplesmente se purifica e é por isso, provavelmente, que Shaw dizia que só existe uma, o resto é confusão. Coisas semelhantes disseram, em substância, os espíritos a Kardec, ao preconizar que um dia haveria uma só religião, sem templos de pedras e rituais. No que, aliás, reiteravam o pensamento de Jesus, na sua conhecida previsão de um só pastor e um só rebanho.

Essa é a realidade que se entrevê nas tendências do presente. Uma vez purificada e despojada dos inúteis atavios que lhe pregaram os milênios, a religião não será nada diferente disso que aí está na Doutrina dos Espíritos, ou seja, Deus, existência, sobrevivência, reencarnação e comunicabilidade dos espíritos e responsabilidade de cada um pelo seu ritmo evolutivo.

Apoiado em que estruturas racionais seria possível montar um esquema religioso senão com os elementos que a verdade nos informa, nas sucessivas aproximações e abordagens que a observação vai permitindo?

Pouco ou nada tem a ver a religião prevista

por Mays com dogmas, cultos, ritos, hierarquia ou sacramentos e tudo a ver com o *comportamento* do indivíduo.

– O cristianismo – escreveu Montesquieu – é o texto do ser humano; sua vida é ilustração.

E note-se que o grande pensador francês não conheceu “em vida”, a Codificação, de vez que morreu em 1755, um século mais dois anos antes do lançamento de *O Livro dos Espíritos*, mas, certamente, falava da Doutrina Espírita, porque a verdade não é apenas universal, mas intemporal.

Se tomarmos a realidade espiritual como mero jogo mais ou menos inteligente de especulações intelectuais estaremos demonstrando que ainda não entendemos o que é o Espiritismo, que se resume, em última instância, em uma proposta clara e objetiva de esforço pessoal evolutivo para substituir religiões salvacionistas, dogmáticas e irracionais.

Fé racionalizada, purificada e sustentada pela experimentação, continua sendo fé, mais do que nunca. Se isto não é religião, que seria, afinal? (MIRANDA, 1993, p. 271-273, grifo nosso).

Léon Denis:

O **Espiritismo** é, ao mesmo tempo, uma ciência e uma fé. Como fé, **pertencemos** não a esse cristianismo desfigurado, amesquinhado, rebaixado pelo fanatismo, pela beatice dos corações amargurados e das almas pequeninas, porém, **à religião que une o homem a Deus, em Espírito e Verdade.** (DENIS, 1995, p. 59, grifo nosso).

Guillon Ribeiro:

[...] se legítimo é no Espiritismo o caráter científico, dado que suas teorias se arrimam em vasta fenomenologia, cuja realidade e sentido se comprovam pela observação e pela experimentação científicas, **essencial, fundamental e mais proeminente é o seu caráter religioso, porquanto, confirmando,**

desenvolvendo e clareando os ensinamentos do Cristianismo, mediante aquela fenomenologia e as revelações decorrentes dela, entre os seus objetivos capitais, se encontra, resumindo-os, o de restituir ao termo "religião" o significado exato, o da dupla ligação que o amor a Deus e ao próximo, síntese da Religião, estabelece entre a criatura e o Criador. **Suprimir-lhe esse primordial caráter seria tirar-lhe o de Paracleto ou Consolador prometido por Jesus** e que ele em tudo e por tudo atesta ser-lhe inerente, bastando, para verificá-lo, se atende na circunstância da perenidade da sua permanência entre os homens, predita no que dele disse o mesmo Jesus.

De fato, promanando, quanto aos fenômenos sobre que se ergue a sua estrutura doutrinária, das relações entre os dois planos da vida, o visível e o invisível, ou seja, entre encarnados e desencarnados, por virtude da lei imutável e eterna, como o são todas as que surgem da sabedoria divina, relações, por conseguinte, a que nem o restabelecimento das torturas de todo gênero e das fogueiras obstará, uma vez que a iniciativa delas não pertence ao homem, clara se faz a legitimidade da afirmativa de que o seu advento exprimiu o cumprimento de uma das mais relevantes promessas que à Humanidade fez o divino Salvador. Nada mais será necessário, parece-nos, para que, ao caráter de ciência, que nenhuma das "religiões" existentes apresenta, se lhe reconheça o cunho indelével de religioso. Surgindo, como dissemos, em cumprimento de uma das promessas do Cristo, que personifica a única Igreja verdadeiramente universal, **o Espiritismo é, sem dúvida, a revivescência do vero Cristianismo**, agora desempecido de todos os véus da letra, de todas as obscuridades do mistério, do manto maravilhoso do milagre, as três principais geratrizes dos dogmas. **Nenhuma outra doutrina, conseguintemente, lhe pode disputar a qualidade de religião. Tão predominante é nele essa qualidade, que não há tê-lo por "uma" religião, mas como "a" Religião, no mais lato sentido do vocábulo.**

Efetivamente, com o clarear, desenvolver e completar os ensinamentos do Cristianismo do Cristo, o

Espiritismo torna nitidamente perceptível o caminho ascensional para Deus, o que Ele diretamente leva, por ser o do amor, essência mesma e substância da Divindade, caminho que nenhum Espírito pode deixar de palmilhar, porquanto o integrar-se na Divindade pela perfeição moral absoluta é o destino que Ela a todos assinou, sem exceção não só dos que compõem a humanidade terrena, como dos que constituem as demais humanidades, na infinidade dos mundos que dentro do universo infinito representam, na frase de Jesus, as diversas moradas da Casa do Pai Celestial.

Proclamando e comprovando essa unidade de destino, em correspondência à identidade de origem de todos os seres, **o Espiritismo faz notória a universalidade dos seus postulados e, diante dessa universalidade, é de ver-se que nada lhe falece para que seja, não "uma" religião, mas "a" Religião por excelência**, posto que encerra tudo quanto, sobre a base do amor universal, pode e deve ligar e religar as criaturas ao Criador, em testemunho da unidade perfeita e absoluta da obra divina.

[...].

Desfazendo a confusão ainda reinante entre religião e seita religiosa, **o Espiritismo**, em face da razão esclarecida e da consciência desembaraçada de entraves sectaristas, se sobrepõe a tudo o que com o nome de religião se adorna. Não o faz, todavia, como religião particularista, ou também sectarista, por humanamente dogmática, **sim como religião universalista, ou universal, única**, portanto, visto que qualquer outra que apresentasse as mesmas características com ela forçosamente coincidiria em todos os pontos.

Por virtude da ideia errônea de que o culto é que caracteriza a religião e não os preceitos morais, ou os laços que faculta à criatura para, em união com o Criador, caminhar acordemente com os seus desígnios, cumprindo os deveres que suas leis lhe prescrevem, orientados para a realização do grandioso destino que a guarda, **alega-se que o Espiritismo carece de caráter religioso, porque não tem culto**. A esta objeção igualmente respondeu, vitorioso, o autor

da presente obra, mostrando que o Espiritismo tem o seu culto próprio, diferente, é certo, dessas cerimônias mais ou menos complicadas e pomposas que se celebram nos templos, de natureza a impressionar os sentidos físicos das massas, deslumbrando-as, mas o culto que o Divino Mestre instituiu, quando mandou que seus discípulos fossem pelo mundo pregar o Evangelho do Reino a todas as nações, curando os enfermos, expelindo os "demônios", ressuscitando os "mortos", isto é, o culto da caridade, que só este se compadece com o seu ensino acerca da maneira por que Deus, o Deus Espírito, que Ele revela, quer e deve ser adorado. Esse, na verdade, o culto exclusivo que pode admitir a religião consubstanciada no duplo mandamento do amor a Deus e ao próximo. Esse, por isso mesmo, o culto do Espiritismo, culto de que decorrem as reuniões simples e humildes que efetuam os crentes, quais as efetuavam os primeiros discípulos, para a meditação e a prece, e em que, dominando-as o espírito de fraternidade, se cumprem estas palavras suas: "Onde dois ou três se acham reunidos em meu nome, eu com eles estarei". Assim que o Espiritismo tem, na prática da caridade, material, moral e intelectualmente considerada, o seu culto, caridade que implica solidariedade, radicada na paternidade divina.

Alega-se, por outro lado, que o Espiritismo nada tem de religião, porque não há nele dogmas. Realmente, não há nele desses dogmas de elaboração humana, decretados pelas Igrejas como pontos de fé cega, sobre os quais não é lícito aos respectivos fiéis pensar, procurando compreendê-los à luz da razão, penetrá-los com a força do raciocínio. Há, porém, os dogmas naturais, porque oriundos das próprias leis divinas, e perante os quais se curvam quantos não trazem o espírito obliterado pelo orgulho e não colocam a Divindade, por influência desse orgulho, donde nascem todas as presunções, a serviço de quaisquer interesse e caprichos.

Podem citar-se, por exemplo, como dogmas espíritas, a existência de Deus, com atributos de perfeição absoluta, a existência e a imortalidade do Espírito, a sua sobrevivência, portanto, à

morte do corpo, a sua destinação acorde com os atributos do Criador, dogmas que não podem ser, como o são todos os dias aqueles outros, abolidos, ou, sequer, infirmados pelos progressos das ciências, pelo crescimento do saber humano, resultante do desenvolvimento das inteligências e do seu aparelhamento para mais clara percepção das coisas, ou melhor, da obra divina, por meio do livre exame, da observação, da análise e da experiência. (RIBEIRO, 1981, p. 19-25, grifo nosso).

Carlos Imbassahy:

O Espiritismo será para uns simples ciência, para outros mera filosofia, sem já falar naqueles para os quais não será coisa nenhuma.

Entre os oponentes, alguns combatem de boa-fé, outros de má-fé, e muitos sem nenhuma espécie de fé.

É aos primeiros que nos dirigimos ou a que dedicamos este livro, no intuito muito sincero de lhes modificar a opinião, uma vez demonstrados os equívocos em que laboram. (p. 36).

Não se pode negar que é, por vezes, razoável o receio de que o Espiritismo siga as pegadas de tantas religiões que conspurcaram o ensino dos Mestres, em prélíos furiosos e truculentos, que lhes deturparam os mandamentos com proibições fora de propósito, que lhes obscureceram as máximas com impenetráveis mistérios, que escravizam as mentes com dogmas insustentáveis e obscuros, que desviaram a razão, encaminhando-a para o fanatismo; que aboliram o raciocínio, que prescreveram a subserviência mental; que mercantilizaram os ofícios divinos, que comerciaram com as coisas sagradas; que impediram o estudo, que colocaram o espírito humano como num círculo de ferro, donde ele nunca mais poderia sair; que proclamavam, como palavra de Deus, os maiores absurdos e as maiores truculências; que justificaram, em troca de uma recompensa pecuniária e em nome de Deus, os vícios, os pecados, as maldades de toda casta; que tornavam caliginoso pensamento, já pelas trevas que o envolviam, já pelos rancores

que o abismavam. (p. 39-40).

“Fazemos em especial um chamamento ao povo judaico, cujas escrituras fizemos nossas, dos quais nos veio o Cristo segundo a carne, para que abram seus corações e volvam o olhar para esse Senhor, em quem se cumpre a esperança de sua nação, sua mensagem profética e seu zelo pela santidade”.

Esse que assim escreve, esse crente em o Cristo, diante dessa mensagem, como lhe chama, está com o coração aberto para todas as criaturas. Fala por ele o sentimento do amor divino. Convida todos os povos para verem o Cristo, para sentirem o Cristo, e sentir o Cristo é ter a alma voltada para os sentimentos de solidariedade, em toda a sua máxima amplitude.

Não é outro o apelo do Espiritismo.

De maneira que o que pretendemos propagar são os ensinamentos de nossos maiores, com a cristalinidade com que brotaram da fonte e os comentários com que os Espíritos os elucidam.

O que se diria ou dirá é que o Pai, o Sumo Arquitecto, tudo fez e edificou de acordo com uma razão suprema; que, no seu espírito de bondade, salvará todos os seres; que a sua lei é a da paz, o seu mandamento, a fraternidade; que a servidão da consciência ou dos corpos, nunca fez parte do seu Código; que as dores não são eternas nem injustificáveis, senão um caminho para o aperfeiçoamento e o progresso; que a vingança é um crime detestável; que nunca o determinou, antes o que mandou seus divinos mensageiros pregassem foi o perdão sem limites, tal como aquele que brotava dos lábios de Jesus; que a criatura evolue contínua, ininterruptamente, sem haver seleções, nem privilégios junto ao seu seio amantíssimo; que o Bem é o fator primordial dessa evolução; que as Escrituras, nas páginas donde fluem as matanças, esses testamentos que se acham pejados de esbulhos, violências, maldades, escabrosidades ou puerilidades não representam o seu pensamento; que a Caridade e o Amor são a estrada larga que conduz à redenção e, conseqüentemente, à felicidade.

Esta é a parte religiosa que os espiritistas pregam e procuram difundir. (p. 52-53).

[...] porque nos censuram as ideias científicas, no que toca ao Espiritismo, achando muitos que o Espiritismo não é ciência, é religião.

Outros, ao contrário, pensam que é condenável a religiosidade em Espiritismo, e afirma, com grande cópia de argumentos, que o Espiritismo não é religião, é ciência.

Chama-se a isto de estar preso por ter cão e por não ter cão.

Mas, o que a eles, ou pouca gente se afigura claro, é que o Espiritismo possa ser, ao mesmo tempo, religião e ciência. É com este caráter que se nos apresenta; é por esta forma, consequentemente, que o encaramos. (p. 63-64).

Aliás, se nos fosse dado formular o voto, diríamos que **o Espiritismo reúne, sintetiza, condensa e interpreta os magnos princípios de todas as religiões, de que o Cristianismo é a suprema expressão.**

Força é convir, porém, que a redação com que foi aceito o princípio é a que se acha nas obras de Allan Kardec.

Como se acaba de ver, não só admitimos como pregamos as lições do Divino Mestre.

Se é religião, como ensina o compêndio católico, professar a doutrina do Cristo; se nós o professamos; se temos como princípio assente que o Espiritismo é o Cristianismo; se ninguém nega que o Cristianismo seja uma religião, **não nos parece curial excluir o Espiritismo das religiões ensinadas no Grupo Escolar de Itobi** (p. 92-93).

Em Espiritismo, como no Cristianismo, trata-se do destino das almas, isto é matéria religiosa.

[...].

Catolicismo e protestantismo baseiam-se no Cristianismo, difundem os ensinamentos do Cristo, propagam os Evangelhos e o têm como lei suprema. **No Espiritismo pensa-se da mesma forma, faz-se precisamente o mesmo: aceita ele o Cristianismo, difunde os ensinamentos do Cristo, propaga os Evangelhos,** tem como lei suprema da conduta humana os preceitos do

Divino Mestre.

Pois bem! Catolicismo e protestantismo são religiões. Ninguém, absolutamente ninguém o contesta. Agora, o Espiritismo, não!

O Espiritismo não é religião; não pode ser religião; nem mesmo uma parte religiosa lhe admitem e, quando o admitem, pouco valor lhe conferem.

[...].

O fim do Espiritismo é, por consequência, a reforma do indivíduo; logo é essa moral, leiga ou religiosa, que é a parte primordial, a parte essencialíssima na doutrina. (p. 97-98).

Faz parte do ensino dos Espíritos, da doutrina espírita, de sua propagação doutrinária, a declaração de que o Espiritismo é a continuação dos Evangelhos, o Consolador Prometido; que esse Consolador veio confirmar as lições do Mestre Divino, esclarecendo-as naqueles pontos que eram obscuros; que é secundária a questão os Espíritos, visto que a primária é a moral que eles nos trazem; que os espíritas cristãos, os verdadeiros, são os que admitem e praticam a moral; que nos devemos amar uns aos outros, e que nisto se resume o verdadeiro caráter do Espiritismo; que para alcançar os fins a que a Humanidade se dirige são necessários a justiça, o amor, a ciência; que o que o Espiritismo aponta são os efeitos do mal e a necessidade do bem, e, por fim, que esse bem e o amor de Deus são os princípios fundamentais do Espiritismo.

Como se poderia chamar de acessório a tudo isso? Como acessórios os princípios, se são eles fundamentais?

Se o verdadeiro caráter do Espiritismo se resume no "amai-vos uns aos outros", como são acessórios os seus princípios de moral?

Como, sendo o Espiritismo a segunda parte do Cristianismo, o segundo tomo das lições do Cristo, seria a sua moral um acessório? Como, tratando da salvação e até tendo por lema que fora da caridade ela não existe, e declarando que a felicidade do homem consiste no bem, na justiça, no amor, não passarão estes princípios de

fórmulas como juramento hipocrático, e algo à maneira da ética profissional dos advogados?

Do que expusemos, ao que nos parece, se conclui justa e precisamente o oposto.

Pelas leis morais do Cristo, que segue; pela parte do Cristianismo, que representa; pela obrigação que se impôs de divulgar o Evangelho; pelo dever, que mantém, de colocar as leis divinas acima de tudo, como a fonte do progresso humano, **o Espiritismo reivindica a parte que lhe cabe no seio das religiões.** (p. 104-105).

Se Allan Kardec preferia chamar ciência ao conjunto de suas doutrinas, e isto com o fim de evitar o fanatismo a que quase sempre conduzem as religiões, não eliminou a parte religiosa, a ela dedicou especial atenção e dele faz cúpula do seu majestoso edifício doutrinário, quando pretendia encaminhar a Humanidade na trilha seguida pelo Rabi Divino.

[...].

Allan Kardec – é verdade – nunca chamou ao Espiritismo, propriamente, religião. Ele, como outros, procurava evitar que o Espiritismo se transformasse numa religião com os defeitos, os erros e os vícios que tanto têm contribuído para afugentar da alma humana os preceitos morais, o sentimento divino, o nome do Criador.

Fazia questão que não se abandonasse o lado científico, com seus processos rigorosos de observação, de experiência, de lógica, e isto com o fim de que os homens se não desorientassem, de que não perdessem o ponto de apoio, que não deixassem escapar a base segura onde pode assentar a Verdade.

Entregue o homem a si próprio, à sua fé, sem o devido esclarecimento da razão, ou sem nada que o norteasse, em breve se deixaria arrastar por ideias personalíssimas, formuladas ao sabor dos seus sentimentos afetivos, aspirações ou desejos, sem critério, sem qualquer esteio; ou se entregaria passiva, subalternamente às ideias alheias, e ter-se-ia a servidão mental, a abolição do raciocínio, que o mesmo é dizer, o fanatismo,

com que os indivíduos obumbram ou destroem a mais importante faculdade da inteligência.

É necessário um supedâneo para a doutrina, uma bússola que a encaminhe. Daí *a base dos fatos, leitmotiv* nas monografias de Bozzano, que faz questão assente a doutrina em plano firme.

Para evitar, portanto, o plano inclinado, em que, muitas vezes, certas religiões conduzem o pensamento, desviando-o da rota estabelecida por seus fundadores, **é que Allan Kardec**, que não os Espíritos, aliás, e **alguns dos seus seguidores, evitavam inscrever o Espiritismo, isto é, o todo, entre as várias, e algumas vezes, confusas religiões do globo. Era o receio de prejudicar as duas outras partes componentes.**

Não negou, ele, porém, a sua parte religiosa. *"Il porte assentiellement aux idées religieuses..."*

Se achava que o Espiritismo não era, propriamente, uma religião, com seu ritual complicado, emaranhado e inútil, quando não prejudicial, com seu sacerdócio, seus dogmas, seus sacramentos, sua intolerância, sua infalibilidade, nem por isso deixou sempre de mostrar a parte religiosa que lhe tocava.

O fato é o pedestal de todo o majestoso edifício construído pelos Espíritos.

Mas esse fato, ou seja, o fenômeno, o que nos vem trazer é uma revelação de origem divina, conseqüentemente de ordem religiosa: - É a moral dos grandes profetas, dos mensageiros do Senhor, que se resume no amor do homem a seu semelhante e no amor de Deus; é a síntese em que Jesus de Nazaré estabelecia toda a lei e os profetas: Amai-vos uns aos outros. É, finalmente, o princípio universal, baixado em todas as grandes Dispensações, ensinado por todos os grandes Instrutores, repetido em todas as grandes Mensagens, ensino que o Pai vem procurando inscrever, através dos séculos, como a maior das máximas, no coração de seus filhos. (p. 111-118).

O Espiritismo tem, pois, um lado religioso, visto que nele se ensina e prega o que

pregam e ensinam as outras religiões.

Sendo os seus mandamentos hauridos, tanto na inspiração, como formados pela observação e pela experiência, pois que o que divulga é fruto da lição dos fatos, e é ele iluminado pelos clarões que vêm do Alto, o Espiritismo, nunca é demais repetir, toma o tríplice aspecto de ciência, filosofia e religião.

Religião, não veio para combater as demais, senão para difundi-las, para esclarecê-las, escoimando-as do escalracho que os homens, na sua miopia, no seu atraso, lhe deitam.

É o Espiritismo, a nosso ver, por consequência, uma como síntese de todas as religiões, que as interpreta, ilumina, dá força e divulga.

Nele se enquadra o Cristianismo, o Cristianismo de Cristo, incumbindo-lhe, entre outros imperativos, o de trazer o amor, o amor em toda a sua amplitude, o amor divino e o amor humano, até onde for possível levá-lo e quaisquer que sejam os sacrifícios que se imponham para o fazer.

O Espiritismo e, em suma, a reprodução dos planos do Criador, através dos tempos e através do Espaço. (p. 172).

(IMBASSAHY, 1981, p. citadas após as transcrições, grifo nosso).

Lamartine Palhano Junior:

Os assuntos de referência serão tratados separadamente, com indicações de temas correlatos, para que haja um acompanhamento didático e sistemático do estudioso das questões teológicas. Sempre que possível, haverá a opinião espírita, principalmente aquelas que bem conceituadas na literatura e no conhecimento espírita de um modo geral. Por outro lado, há também a intenção de desmanchar as credences arraigadas, tanto no Cristianismo quanto no próprio meio espírita, numa tentativa de demonstrar que **a Religião Espírita não é dogmática nem constituída com espírito de**

sistema, mas nasce naturalmente naquele que, avançando em maturidade de seu senso moral, começa a entender a si mesmo e a Deus, como sendo ele a causa primária de todas as coisas, a inteligência suprema do Universo. **Daí, a religião nasce em seu espírito de modo natural; é o Espiritismo que vem ao mundo, sob a égide do Espírito Verdade, como a religião natural.** (L. Palhano Jr. & Souza, *Espiritismo; Religião Natural*) (PALHANO JR., 2001, p. 36, grifo nosso).

Temos que inserir, aqui, **o Espiritismo em seu aspecto religioso, a religião espírita. O Espiritismo não é propriamente uma religião instituída, mas uma religião natural** (Allan Kardec, em *Obras Póstumas*, edição LAKE; Palhano Jr. & Souza, *Espiritismo, Religião Natural*, 1992), que nasce naquele que leu os seus princípios e entendeu a natureza divina, tornando-se, assim, uma pessoa religiosa. **A chamada Religião Espírita vem de uma consequência dos aspectos científicos, e moral da doutrina Espírita.** Não se deve substituir o aspecto moral do Espiritismo pelo aspecto religioso, pois que não é a mesma coisa: *Moral* é a lei e regra do bem proceder, que está escrita na consciência de cada um, e *Religião* é a relação com a divindade. **Em termos de religião, o Espiritismo tem muito a oferecer a Teologia;** daí o objetivo primordial deste Compêndio. (PALHANO JR., 2001, p. 48, grifo nosso).

Canuto Abreu:

6 – Religião Espírita.

Erigido, finalmente, em Religião Espírita, o Espiritismo, desde 1864, passou de “doutrina filosófica” a “doutrina religiosa”. Mas conservou, por força de origem e conquista, a cidadania “científica”, por ter como base “O Fato”, e a “filosófica”, por ser “racionalista”.

7 – Característicos de Religião.

O Espiritismo tem, como “doutrina religiosa”, os característicos de religião, que são, fundamentalmente, em número de três:

- 1º - "O Espírito";
- 2º - O "Médium"; e
- 3º - A "Revelação".

Esses postulados foram apresentados, por ordem, em três livros que tratam particularmente "Dos Espíritos", "Dos Médiuns" e da "Da Moral Espírita".

A Trilogia Espírita excluiu todas as "doutrinas religiosas" em vigor.

Opôs-se, primeiramente, à "doutrina sociológica" exposta no *Sistema de Política Positivista*, de Augusto COMTE (1851-1854), sustentando, ao contrário, pelo seu dogma fundamental - A Reencarnação - que o Homem não é, como afirma a teoria sociológica, um indivíduo arreligioso, agnóstico, amoral, associal de nascença. Demonstrou que é na intrínseca natureza do Homem, isto é, no "Espírito Encarnado" que se deve buscar a explicação dos fatos sociais, e, não, no "meio social" formado de tais fatos.

Criou, enfim, uma "História Universal da Espiritidade" em oposição à História Universal da Humanidade. Dando prioridade à primeira, como fonte única da segunda, o Espiritismo negou na essência e na forma o Positivismo.

Opôs-se, em seguida, à "doutrina antropológica", exposta, inicialmente, por FONTENELLE, no tratado "*Da Origem dos Oráculos*" (1687) e nas "*Palestras sobre a Pluralidade dos Mundos Habitados*" (1686), segundo a qual as "comunicações" do Invisível com a Humanidade eram "frutos" ou "invenções" do próprio Homem, puro *charlatanismo* dos sacerdotes pagãos e frívola *superstição* dos escritores eclesiásticos. O Espiritismo estabeleceu as regras fundamentais das "comunicações", criando, como "nova lei natural" - O dogma da Mediunidade.

Opôs-se, finalmente, à "doutrina teológica" da Igreja, exposta no *Catecismo Romano*, demonstrando, pelas mensagens espíritas, em que consistem o Céu, o Inferno, o Purgatório, o Limbo, a Ressurreição da Carne, a Comunhão dos Santos, a Remissão dos Pecados, a Vida Eterna, etc., resumindo "O Evangelho" ao *Ensino*

Moral de JESUS, com o qual estabeleceu um Código Moral Universal, sem distinção de culto, tendo por "chave mestra" o Espiritismo.

Pela origem, pelo meio e pelo fim, o Espiritismo, fundado por ALLAN KARDEC, é uma Religião.

Antes, pois, de afirmar que "O Espiritismo é uma ciência", no sentido positivo do termo, devemos considerar, a mais, estas palavras do Espírito VERDADE:

"Les 'Esprits du SEIGNEUR', qui sont les VERTUS DES CIEUX, comme une immense armée qui s'ébranle DES QU'ELLE EN A REÇU LE COMMANDEMENT, se répandent sur toute la surface de la terre; semblables à des ÉTOILES QUI TOMBENT DU CIEL, ils viennent éclairer la route et ouvrir les yeux des aveugles".

Não se trata, aí, de meros Espíritos de Defuntos. O Espírito VERDADE, nessa passagem, não se refere aos "nossos queridos mortos".

Os "Espíritos do SENHOR" são os *Mais Altos Espíritos do Céu*, as *Maiores Potencialidades Celeste*. Somente ANJOS e ARCANJOS podem figurar "*Astros que descem do Céu*". São essas "Entidades Ultra-humanas" que, ao "receber a ordem do Comandante", vieram à Terra "aclara a Doutrina" (que, em Teologia, se chama "caminho") e "abrir os olhos" (que, em Religião, se chama "revelar") dos "cegos" (designação piedosa de "Espíritos das Trevas").

Sabemos quem é o "Comandante" - O Espírito VERDADE. A ele o PAI de JESUS e Nosso Pai, o DEUS de JESUS e Nosso Deus, desde a primeira Pentecostes, no ano 33 da Era Vulgar, confiou a perene e santa missão de "esclarecer" o sentido espiritual da Mensagem do CRISTO à Humanidade.

É o Espírito VERDADE quem diz no *Evangelho Espírita* de 1864:

"Hommes, Nous vous convions au divin concert".

Isto é, nós vos convidamos à batalha em prol da Humanidade, sem partidarismo, sem tribalismo, sem comunhões sectárias, sem

ortodoxismo. Todos em harmonia com JESUS.

Leitores, atenção!

Estudantes do Evangelho, atentem bem para esta VOZ que nos convoca:

“Hommes, frères que Nous aimons:
Nous sommes près de vous. Aimez-vous
AUSSI les uns les autres, et dites DU FOND
DE VOTRE COEUR, en faisant les Volontés
du PÈRE QUI EST AU CIEL:

- *SEIGNEUR! SEIGNEUR!*

Et vous pourrez entrer dans le Royaume
des Cieux”. (*)

(*) Cf. o “Prefácio” do Evangelho Segundo o Espiritismo.

(ABREU, 1996, p. 365-368, grifo nosso).

Conclusão

Trouxemos, ao longo desse texto, várias informações constantes das obras da codificação, com as quais cada um dos nossos leitores também tirará sua própria conclusão que, inclusive, poderá ser completamente contrária à nossa. Mas a liberdade de consciência é um dos pontos fortes da Doutrina; portanto, não devemos nos atritar por conta disso.

Para finalizar, apenas iremos ressaltar que, considerando quem foi o espírito coordenador de todos os outros envolvidos na implantação e divulgação do Espiritismo, não vemos como tirar do Espiritismo o direito de ser visto como uma religião. Para identificá-lo vejamos essa mensagem assinada por Chateaubriand, em 20 de janeiro de 1860, na qual diz-nos quem foi esse Espírito:

Sois guiados pelo verdadeiro Gênio do Cristianismo, eu vos disse; **é porque o próprio Cristo preside aos trabalhos** de toda natureza que estão em vias de cumprimento para abrir a era de renovação e de aperfeiçoamento que vos predizem os vossos guias espirituais. [...]. (KARDEC, 2000a, p. 62, grifo nosso).

Podemos ainda corroborar isso, em se comparando essa fala de Kardec:

[...] O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus... Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras. Ele é, pois, obra **do Cristo, que preside**, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o reino de

Deus na Terra. (KARDEC, 2007e, p. 59-60, glrifo nosso).

Se temos Cristo como o presidente ou coordenador dos espíritos que trouxeram a revelação Espírita à humanidade, tem-se que entender que seu principal objetivo é a transformação de toda a humanidade, tomando-se como base os preceitos do próprio Mestre; portanto, algo estritamente ligado à religião, mesmo que esse entendimento contrarie opiniões de adeptos da Doutrina. Entretanto, como Kardec nos diz que "O Espiritismo é uma religião, e disto nos glorificamos", ficamos com ele.

Paulo Neto
Ago/2009
(revisão nov/2012)

Referências bibliográficas

- ABREU, C. *O Evangelho por fora*. São Paulo: Lar da Família Universal, 1996.
- ALEIXO, S. F. *O Que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2003.
- DENIS, L. *O Espiritismo e o Clero Católico*. Rio de Janeiro: CELD, 1995.
- IMBASSAHY, C. *Religião*. Rio de Janeiro: FEB, 1981.
- INCONTRI, D. Prefácio. in ALEIXO, S. F. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2003.
- KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007a.
- KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007e.
- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2007b.
- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2007c.
- KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007d.
- KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. Araras, SP: IDE, 2001a.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras, SP: IDE, 1993a.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1860*. Araras, SP: IDE, 2000a.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras, SP: IDE, 1993b.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1862*. Araras, SP: IDE, 1993c.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1863*. Araras, SP: IDE, 2000b.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1864*. Araras, SP: IDE, 1993d.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1865*. Araras, SP: IDE, 2000c.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1866*. Araras, SP: IDE, 1993e.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras, SP: IDE, 1993f.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1869*. Araras, SP: IDE, 2001b.
- MIRANDA, H. C. *As mil faces da realidade espiritual*. Sobradinho, DF: Edicel, 1993.
- PALHANO JR., L. *Teologia Espírita*. Rio de Janeiro: Celd, 2001
- PIRES, J. H. *Agonia das Religiões*. São Paulo: Paideia, 2000.
- PIRES, J. H. *Ciência Espírita e suas implicações terapêuticas*. São Paulo: Paideia, 1988.
- PIRES, J. H. *Introdução ao Espiritismo*. São Paulo: Paideia, 2009.
- PORTASIO FILHO, M. O. *Deus, Espírito e Matéria*. São Paulo: FEESP, 2000.

RIBEIRO, G. Proêmio. In IMBASSAHY, C. *Religião*. Rio de Janeiro: FEB, 1981.

Capa (adaptação):

<http://3.bp.blogspot.com/-BQizkfVc5-s/TViqCOV8ttI/AAAAAAAAAEw/ip73S72NAKI/s200/SER+ESPIRITA.jpg>



Paulo da Silva Neto Sobrinho, é natural de Guanhães, MG.

Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG).

Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais.

Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em alguns sites Espíritas na Internet, entre eles:

- O Portal do Espírito: www.portalespirito.com/
- Grupo de Apologética Espírita: www.apologiaespirita.org
- Panorama Espírita: www.panoramaespirita.com.br

Autor dos livros: *A Bíblia à Moda da Casa, Alma dos animais: estágio anterior da alma humana? Espiritismo, princípios, práticas e provas e Os Espíritos comunicam-se na Igreja Católica.*

Belo Horizonte, MG

www.paulosnetos.net

e-mail: paulosneto@gmail.com

Tel: (31) 3296-8716